



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

Entrelaçar Gerações - Os Avós do coração  
Projeto intergeracional: Os benefícios mútuos da interação  
entre crianças do pré-escolar e idosos.

Maria Miguel Matos

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientador:

Doutor Pedro Abrantes, Professor Auxiliar Convidado,  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Departamento de Sociologia

Entrelaçar Gerações: Os Avós do coração

Projeto intergeracional: Os benefícios mútuos da interação  
entre crianças do pré-escolar e idosos.

Maria Miguel Matos

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientador:

Doutor Pedro Abrantes, Professor Auxiliar Convidado,  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, Professor Pedro Abrantes, pela sua disponibilidade, generosidade e incentivo. Pela inspiração, pela partilha da sua sabedoria e por todas as aprendizagens realizadas.

À Professora Teresa Seabra, pela atenção e suporte ao longo do meu percurso académico.

À Santa Casa da Misericórdia da Sertã, pela receção calorosa, pela entrega incansável, pela generosidade dos seus testemunhos, e pela confiança. Pela partilha desta experiência que se tornou íntima e depositou alegria nos corações dos vossos (e agora um bocadinho nossos) idosos e crianças.

Ao meu irmão, talvez o maior agradecimento de todos.

À minha mãe. Por tudo. Pela cor, pela arte e pelo amparo.

Ao meu pai, que me dedicou a sua dissertação em 1999. Em 2023, chega a minha vez de lhe devolver o carinho.

À minha avó.

Encontrei na minha avó uma experiência emocional, cuja marca da sua carga afetiva, transformou-se num carimbo intemporal e incomparável. As histórias, as memórias, as descobertas. A representação do passado e das origens da família. As tradições que vestem o avental ou pisam o jardim da nossa beira-baixa. A sabedoria.

Um obrigado ao suporte inesgotável, à dedicação absoluta, e ao cuidado repleto de amor, que nos transmitem os avós. Este trabalho é um grito de agradecimento a todos eles.

## Resumo

O crescimento da população com mais de 65 anos de idade e a redução do número de jovens constituíram tendências marcantes das últimas décadas. Se por um lado, observamos a longevidade como uma vitória em termos de desenvolvimento socioeconómico e de saúde pública, por outro, assistimos a uma forte redução da natalidade. Estas alterações possuem repercussões no contexto familiar e social atual, onde crianças e pessoas idosas tendem a viver em mundos separados. Para além da família, existem poucas oportunidades de convívio entre estas gerações.

O presente projeto de intervenção, implementado na Santa Casa da Misericórdia da Sertã, surge com o intuito de explorar a temática da intergeracionalidade como alicerce de uma comunidade. Um projeto socioeducativo que pretende estabelecer o diálogo entre crianças e idosos, servindo necessidades individuais, e oferecendo benefícios a todos os seus participantes, através do intercâmbio de vivências e experiências entre ambas as gerações. “Entrelaçar Gerações – Os avós do coração”, promove uma ação que incentiva a exploração do mundo, dentro de uma comunidade - a vila da Sertã - proporcionando contextos facilitadores do envelhecimento e do crescimento infantil, e convocando a oportunidade de confronto com a diferença física e cultural proveniente do processo de envelhecimento.

Palavras-Chave: Intergeracionalidade; Relações intergeracionais; Educação; Envelhecimento Ativo; Comunidade.

## **Abstract**

The growth of the population over 65 years of age and the reduction in the number of young people are trends that have shaped recent decades. If, on one hand, longevity is seen as a victory in terms of socio-economic development and public health, on the other, we are witnessing a very sharp reduction in the birth rate. These changes represent repercussions in the current family and social context, where children and elder people tend to live in separate worlds. Apart from the family, there are few opportunities for these generations to socialize.

This intervention project, implemented in Santa Casa da Misericórdia da Sertã, surges with the purpose of exploring the theme of intergenerationality as a pillar of a community. An artistic-interventional project, which aims to establish dialogue between children and the elderly, serving individual needs, and offering benefits to all its participants, through the exchange of experiences between both generations. “Intertwining Generations – Grandparents of the hearth”, promotes an action that incentivizes the exploration of the world, within a community – the village of Sertã - providing enabling contexts for child ageing and growth, and summoning the opportunity of confrontation with the physical and cultural difference that comes with the aging process.

**Keywords:** Intergenerationality; Intergenerational Relationships; Education; Active Ageing Community.

## **Glossário de Siglas**

EA - Envelhecimento ativo PI - Projetos Intergeracionais

OMS – Organização Mundial da Saúde

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SCM - Santa Casa da Misericórdia

SCMS - Santa Casa da Misericórdia da Sertã LNSC - Lar Nossa Senhora do Carmo

# Índice

Agradecimentos .....	III
Resumo .....	IV
Abstract .....	V
Glossário de siglas.....	VI
Índice .....	VII
Introdução .....	1
1. Enquadramento .....	4
1.1 Infância .....	4
1.1.1 Educação Pré-Escolar .....	4
1.1.2 Uma Educação Comprometida com a Cidadania .....	5
1.2 Velhice .....	9
1.2.1 O Processo de Envelhecimento .....	9
1.2.2 O Envelhecimento Ativo .....	10
1.3 Artes e Intervenção Socioeducativa.....	12
1.3.1 Crianças.....	12
1.3.2 Idosos .....	13
1.3.3 As Relações Intergeracionais na Intervenção Socioeducativa.....	14
2. Diagnóstico .....	16
2.1 Diagnóstico: Problemática e Contexto .....	16
2.2 Caracterização da Instituição .....	18
2.3 Metodologia .....	19
2.4 Público-Alvo .....	23
2.5 Análise das Entrevistas.....	25
2.5.1 Análise das Entrevistas aos Idosos.....	25
2.5.2 Análise das Entrevistas às Crianças .....	28
2.5.3 Análise das Entrevistas aos Parceiros .....	31
3. Experimentação de uma Atividade Exploratória .....	31
4. Desenho do Projeto “Entrelaçar Gerações – Os Avós do Coração” .....	34
4.1 Visão, Objetivos, Meios, Metas e Estratégia.....	34
4.2 Planeamento das Atividades.....	36
4.2.1 Calendarização e Espaços a Utilizar .....	38
4.3 Avaliação .....	39
5. Considerações Finais .....	41
6. Referências Bibliográficas	
7. Anexos	

**Anexo 1: Entrevista aplicada aos utentes do LNSC**

**Anexo 2: Entrevista aplicada às crianças do Jardim de Infância da SCMS**

**Anexo 3: Registos Fotográficos da Atividade Exploratória**

**Anexo 4: Grelha de Indicadores de Avaliação**



## Introdução

A sociedade contemporânea observa o envelhecimento acelerado que tem alterado a sua paisagem demográfica, como um acontecimento mundial que acarreta mudanças significativas na interação social e familiar na vida dos indivíduos. Em Portugal, e na grande maioria do contexto europeu, vários foram os fatores sociodemográficos que impulsionam a alteração do funcionamento das organizações, das comunidades e das próprias sociedades. A implementação progressiva do sistema económico capitalista, o desenvolvimento da indústria, as transformações dos meios e a própria profissionalização da mulher compõem, segundo Leandro (2001), uma parcela significativa das atuais mudanças sociais.

O contexto europeu reconhece a necessidade de reflexão, face às irrefutáveis alterações dos padrões das relações intergeracionais, que no passado ocorriam de forma natural na família e hoje, têm de ser promovidas através de políticas públicas ou projetos de ordem comunitária. O envelhecimento da população exige estratégias e soluções de intervenção, direcionadas aos idosos, às futuras gerações e à comunicação intergeracional (Oliveira, 2018, p. 13). Torna-se pertinente invocar a relação de contacto entre avós e netos que, no seio das famílias, encontram as maiores distâncias ou os maiores apoios, enfraquecendo ou favorecendo as relações intergeracionais, na sociedade ocidental.

Como efeito, a própria função dos membros de uma família e a forma como se relacionam entre si têm conhecido transformações, provocando consequências na construção de afetos e interferindo nos relacionamentos interpessoais (Oliveira, 2018, p. 23). Atualmente, existem cada vez menos locais e momentos de encontro entre gerações, em grande parte, devido às mudanças geográficas das famílias, o que conduziu a um distanciamento entre familiares, e em especial entre avós e netos. Os migrantes procuram melhores condições de vida e maiores vantagens a nível económico. Contudo, a estrutura familiar proveniente da sua comunidade de origem, distancia-se enquanto recurso e suporte diário (Batista e Cacciamali, 2012).

Por conseguinte, perante uma sociedade que envelhece vertiginosamente, onde se evidencia o crescimento da inatividade, dependência e institucionalização da população idosa, é importante desmistificar preconceitos, estereótipos e antecipar a segregação social (Lemos, 2020). O conceito de velhice apresenta na sua definição uma carga negativa e padronizada, associada à decadência física e psíquica, à dependência, à inatividade, e até mesmo à tristeza, solidão e pobreza (*idem*). Esta fase da vida, entendida como a 3ª e última, afastada da atividade diária e dos centros de decisão políticos, económicos e sociais, é uma etapa que, segundo Lemos

(2020), ninguém deseja. O mesmo autor alerta-nos para o sentimento de culpabilidade frequentemente criado no idoso, perante uma sociedade que premeia a produtividade e coloca a velhice num lugar de baixa importância na atual pirâmide social (Lemos, 2020, p. 16).

De acordo com o evidenciado, envelhecer de forma saudável e ativa é hoje um desafio que carece de atenção. Por outro lado, a precoce escolarização das crianças e a necessidade de as instituições educativas enriquecerem o seu projeto pedagógico com atividades que envolvam a comunidade, compõe outro dos temas em análise. O campo da educação não formal, onde o processo de aprendizagem é construído sobre métodos sociais coletivos e participativos, no interior de uma instituição formal de ensino escolar, adequa-se a uma proposta pedagógica corrente. As instituições de educação infantil, responsabilizam-se hoje, não só por cuidados básicos à criança, mas também, pela implementação de espaços de desenvolvimento da dimensão cognitiva, afetiva e emocional, onde a aprendizagem da socialização, começa a ser tratada com seriedade nas propostas pedagógicas.

O eixo central desta análise surge da necessidade diagnosticada em refletir imagens fixadas e pré-estabelecidas entre gerações, acreditando na possibilidade de mudança quanto à percepção da velhice e do envelhecimento. O presente projeto configura uma proposta de solução para esta problemática, convocando a solidariedade entre gerações e estimulando experiências fora do contexto familiar.

Como nota introdutória, pretendo revelar que este projeto se manifesta como resposta ao desejo de mobilizar as energias disponíveis, de forma a maximizar as potencialidades intrínsecas ao sistema de ação delineado, garantindo o máximo de bem-estar para o máximo de pessoas (Guerra, 2006, p. 126). Aliás, segundo Isabel Guerra, “Um projeto é a expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas é também a expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder...” (*ídem*).

“Entrelaçar gerações – Os avós do coração”, manifesta-se perante uma visão integrada do processo educativo, criando um espaço de educação não-formal, de interação com os outros e com o meio, dentro da própria instituição escolar. Trata-se de uma ação intencional, sistematizada e preventiva, que reforça mudanças comportamentais e ideológicas na comunidade, fomentando atitudes que contribuam para que a criança se torne um cidadão consciente, participativo, solidário e autónomo (Canejo, 2018, p. 29). Ao mesmo tempo, o isolamento social do idoso é acautelado, num projeto que lhe atribui um papel ativo, reconhecendo e impulsionando a partilha das suas qualidades, capacidades e saberes.

Para o desenvolvimento deste projeto, que pretende proporcionar vivências e partilhas significativas entre gerações, foi necessário desenvolver um diagnóstico inicial reconhecendo a

comunidade, convocando a voz do seu público-alvo, e ponderando entre os recursos disponíveis e os objetivos e metas a serem cumpridos (França, Silva e Barreto, 2010 citado por Oliveira, 2018, p. 27). Foi aplicada uma metodologia qualitativa e os dados recolhidos, através de entrevistas, observações e análise documental, foram sujeitos a uma análise interpretativa.

Em suma, “Entrelaçar gerações – Os avós do coração”, elaborado na SCM da Sertã, possui como público-alvo os idosos, as crianças e os profissionais da instituição. Um projeto, que permitiu encontrar a dualidade dos benefícios presentes nas ações de ordem comunitária: quer nos seus participantes; quer na promoção e consciencialização do desenvolvimento de papéis mais ativos na comunidade; quer na promoção de sociedades inclusivas (Canejo, 2018, p. 29).

# 1. Enquadramento

## 1.1 Infância

### 1.1.1 Educação Pré-Escolar

A literatura sobre educação e desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar tem tido, nas últimas décadas, como tema recorrente, a importância da qualidade dos contextos educativos para o desenvolvimento das crianças. Têm surgido diferentes reflexões sobre indicadores de qualidade em contextos de educação de infância e são inúmeros os estudos que abordam a relação entre esses indicadores e o desenvolvimento infantil.

Um dos indicadores mais referidos, e que neste espaço nos importa sobretudo versar, diz respeito à socialização da criança. Um elemento que compõe o processo pelo qual os indivíduos aprendem normas e valores da sociedade, mediante a interação com o seu meio mais próximo, em especial, a sua família. A referência ao contexto social e cultural de cada criança, torna-se particularmente pertinente na abordagem da socialização, uma vez que quer os processos, quer os conteúdos, quer os agentes, registam variações assinaláveis de cultura e de condição social e económica (Pinto, 1997, p. 45).

De acordo com Pinto (1997), “a criança não absorve passivamente as questões da realidade com que entra em contacto, mas sim, é desde que nasce um ser ativo do processo de socialização”. Partimos da assunção de que as crianças são atores sociais, dotados de competências, capazes de um certo limiar de autonomia e iniciativa, perante as circunstâncias em que vivem (*idem*, p. 66).

Tendo em consideração as significativas alterações da sociedade, torna-se importante versar sobre o papel escolar, que deverá ir ao encontro dessas mesmas mudanças, procurando desenvolver as competências necessárias para que as crianças se sintam preparadas para a vida em sociedade. Qualquer contacto exercido por outros agentes que não apenas os profissionais escolares, através de atividades com a (ou em) comunidade, o processo educativo é substancialmente enriquecido, evidenciando a prática da empatia e da cooperação com o outro. Por esse motivo, Canejo afirma “quanto maior o leque de relações e experiências com os outros, maior se tornará a sua capacidade de socialização e relação com o outro” (Canejo, 2018, p.30).

Por conseguinte assumindo que, durante a infância, a criança adquire parte da sua herança

cultural no seu seio familiar, com valores que irão influenciá-la para toda a vida, surge a necessidade de investir na promoção de atividades ricas em contextos variados em âmbito escolar. No plano educacional, devemos não só procurar aumentar o vocabulário linguístico da criança, mas também o “vocabulário plástico” e o “vocabulário social” (Gloton & Clero, 1973, p. 15).

A qualquer indivíduo deve ser imprimido o sentido da experiência, para que desenvolva aptidões e para que liberte potencialidades de ação e de pensamento (*idem*). De facto, as orientações pedagógicas seguem cada vez mais a orientação para que se efetive um desenvolvimento integral que contribua para a liberdade e bem-estar dos indivíduos: Uma pedagogia de autoconhecimento que ambiciona a educação como uma etapa essencial para a criação de seres humanos felizes.

Um bom nível de autoestima está positivamente correlacionado com um estado de bem-estar psicológico, de integração social e com um menor grau de desadaptação. Ora investir na autoestima pode contribuir para o sucesso ao nível pessoal, social e profissional. Neste âmbito, devemos proporcionar ao aluno, a descoberta do prazer do movimento, a descoberta da experiência criativa, da experiência estética e por consequente, humana (Oliveira, 2019, p. 235).

Atualmente, o paradigma educativo responsabiliza toda a comunidade escolar pelo insucesso escolar de um indivíduo em particular (Direção-Geral da Educação, 2018). A atenção aos detalhes individuais que descortinam mais um pouco de cada ser é uma ação primordial. Ter em conta a personalidade e o ritmo de cada um é respeitar o individual desenvolvimento psíquico, físico e psicológico.

Em suma, no campo da atuação pedagógica e em termos de aprendizagem, participação e socialização, é preciso estabelecer um perfil adequado de cada sujeito. Este processo de avaliação individual e específico, pretende estabelecer prioridades de ensino que permitam que todas as possibilidades sejam consideradas (Vietes, 2019, p. 103).

### **1.1.2 Uma Educação Comprometida com a Cidadania**

Em primeira instância, a ambição de conceber cidadãos de corpo inteiro, conscientes dos seus direitos e dos seus deveres, é o alicerce à construção de uma comunidade democrática, solidária,

justa, onde as oportunidades são iguais para todos e o respeito pelo outro e pelas diferenças prevalece (Marques, 2017, p. 64).

Não podemos ficar à espera da nova sociedade que aí vem, dos progressos científicos e dos desenvolvimentos tecnológicos que todos os dias nos surpreendem...Há que despertar as pessoas, criar projetos que as entusiasmem e que as retirem do seu isolamento (Marques, 2017, p. 64).

O desenvolvimento das sociedades atesta cada vez mais a necessidade de reforçar a educação para a cidadania e robustecer as condições de participação dos cidadãos no espaço público (Escola, 2017, p. 44). A escola constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento do espírito crítico, da participação ativa, da emancipação e da democracia. A defesa e a prática de uma educação comprometida com a cidadania como afirmação social é um assunto que importa essencialmente refletir.

O desejo de encaminhar a humanidade a um lugar de desenvolvimento em que reina o progresso moral, em detrimento da desumanização da pessoa, é a ânsia que assumimos. No fundo, ambicionamos um caminho onde se torne efetivo o direito de todos os indivíduos participarem nos contextos, não só escolares, mas também sociais, culturais e profissionais.

A educação deve exercitar valores essenciais à vida em sociedade, incentivando sentimentos solidários para com os mais desfavorecidos e contribuindo para suprimir a discriminação e a desigualdade, por questões relacionadas com a etnia, sexo, religião ou opinião (Pinto, 2004, p.142). O autor ainda acrescenta que a educação deve possuir um papel ativo, “particularmente no que respeita a todos os direitos e liberdades fundamentais e à aquisição de hábitos de convivência democrática e respeito mútuo.” (*idem*, p.142)

A legislação atual estabelece que se devem tomar as medidas necessárias para permitir a integração à instituição escolar e à sala de aula, de qualquer indivíduo, nas condições que melhor facilitem o seu progresso académico (Direção-Geral da Educação, 2018).

A implementação do Decreto-Lei nº54/2018 trouxe às escolas um novo paradigma, assente no pressuposto de que todas as crianças têm potencialidades e necessidades próprias. E, embora já fosse há muito, a maior preocupação das escolas com as mais diversificadas respostas educativas, este normativo traz uma certa uniformização das medidas e do conceito de educação inclusiva. O conceito de “necessidades educativas especiais” é retirado de todos os documentos da escola e os alunos considerados NEE, passam a ser abrangidos, em situação de igualdade com os outros, pelo conceito de Educação Inclusiva (Monteiro, 2019, p. 211).

O conceito de inclusão educativa, pretende abordar a diversidade e encontrar o benefício de todos os alunos:

Inclusão educativa não responde à educação especial, mas à educação em geral, onde uma das premissas básicas é acolher os estudantes como são, com as particularidades que os caracterizam e os tornam únicos. Igualar as oportunidades, além de admitir pessoas com/ sem deficiência, provoca uma transformação substancial na estrutura organizacional. O objetivo resultante desta importante concepção, é eliminar qualquer tipo de barreira no sistema socioeducativo e, por fim, oferecer ao aluno os recursos específicos de que necessita, a fim de usufruir dos direitos que merece (Allasia, 2019, p. 125).

A capacidade de adaptação e de compreensão da diversidade e a criação de um clima em sala de aula que promova essa compreensão e facilite essa adaptação, é a preocupação primária de qualquer trabalho no campo da educação. Importa trabalhar a educação como um direito de todos e que conta com todos. Importa trabalhar a educação como um lugar onde as pessoas se aceitam e interajam solidariamente, perante toda a diversidade social existente.

Uma doutrina estipulada pela Declaração de Salamanca e pela Declaração de Incheon, ambas convenções da UNESCO, que impulsionaram o desenvolvimento de uma mentalidade inclusiva, destacando-se como momentos fundamentais no despoletar a mudança: “A educação é um bem público, um direito humano fundamental e a base que garante a efetivação de outros direitos. A educação é essencial para a paz, para a tolerância, para a realização humana e para o desenvolvimento sustentável” (UNESCO, 2015, p.7).

Os elementos orientadores e fundamentais que definem o termo *inclusão* foram enfatizados, com base nos princípios de equidade, cooperação e solidariedade. Em síntese, estes marcos foram exímios ao afirmar e reforçar o modelo social e político, onde os princípios da pessoa com deficiência foram considerados e pertinentemente discutidos (Allasia, 2019, p. 125).

Segundo Scardua (2008, p.86) em *Inclusão e Ensino Regular*, é a escola que se deve adaptar às necessidades do aluno e não o contrário. Uma concepção que deve ser profunda e envolver toda a organização educacional, desde o projeto pedagógico até a formação continuada de técnicos e professores que atuem nas escolas:

Assumindo claramente uma orientação inclusiva, o Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, vem reforçar o direito de cada um dos alunos a uma educação consentânea com as suas potencialidades,

expectativas e necessidades, num conjunto de respostas planeadas no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação e o sentido de pertença em verdadeiras condições de equidade (Direção-Geral da Educação, 2018, p. 7).

Por conseguinte, o conceito de inclusão, aborda essencialmente o compromisso: da aceitação; da flexibilidade; do repensar de práticas. O desafio do compromisso da construção de uma escola inclusiva, na qual todos os alunos são valorizados e respeitados e onde todos têm a oportunidade de realizar aprendizagens significativas. O desafio do compromisso de conceber o espaço escolar, como um lugar que corrige assimetrias e que desenvolve o máximo o potencial de cada aluno: “Inclusão é sair da escola dos diferentes e promover a escola das diferenças.” (Mantoan, 2003).

Importa ainda referir que a relação entre escola e comunidade é um importante fator de desenvolvimento social, não só para a comunidade em que a instituição se encontra, mas também para os alunos, professores, equipe técnica e restantes colaboradores. A criação de estratégias pedagógicas colaborativas com a localidade envolvente, impulsiona nas crianças o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e soft skills relevantes, como o pensamento coletivo, o relacionamento interpessoal, a empatia e a cidadania.

No que diz respeito a estratégias associadas à relação entre a escola e comunidade, emerge o trabalho em rede como um procedimento utilizado na articulação das atividades desenvolvidas em conjunto com atores locais e do campo educativo, onde ações que facilitem o conhecimento da história local e das tradições da comunidade, ou ainda ações de caráter cultural, recreativo e desportivo, promovem um importante espaço de reflexão na relação triádica – escola, comunidade e família. Por conseguinte, o enfoque no local promove um ajustamento na cultura da escola, na sua orgânica e organização, assim como produz novas possibilidades de intervenção na gestão escolar e local (Silva & Silva, 2020, p.34).

Focando o trabalho em rede, a literatura sugere que, mais ou menos hierarquicamente, todas as formas de trabalho em rede partilham uma estrutura que aproxima as pessoas através da interação entre elas, assim como um trabalho em prol de um, ou vários, objetivos comuns (Chapman & Hadfield, 2010 citado por Silva & Silva, 2020, p.34).

Em suma, procurar uma ação conjunta articulada entre instituição escolar e comunidade, potencia a construção de uma identidade escolar articulada com o meio envolvente e com as suas especificidades, o que convoca a mobilização de recursos intrínsecos à comunidade e que



poderá transformar a própria escola num recurso à comunidade.

## **1.2 Velhice**

### **1.2.1 Processo de Envelhecimento**

O envelhecimento é um processo gradual que ocorre durante o percurso de vida do ser humano, caracterizado por alterações múltiplas do funcionamento do organismo. Trata-se da última fase do processo dinâmico de desenvolvimento social e individual, onde os indivíduos não formam um grupo homogêneo (Teixeira & José, 2014, p. 44). Além disso, possui um regime irreversível, resultante de alterações psicológicas, biológicas, genéticas, culturais e sociais, onde inúmeros fatores (experiência de vida, hábitos diários, a possível presença de doenças...) têm influência na sua evolução (Sousa & Anica, 2020, p. 58).

Podemos considerar que envelhecer com qualidade é um processo heterogêneo e diferenciado, na medida em que cada pessoa vive em contextos físicos, sociais e humanos diferentes e possui vivências e projetos de vida únicos. (Figueira, 2010)

Para Pimentel (2005, p. 42), “a forma como se envelhece e a maior ou menor valorização que é dada a esse processo, depende mais das sociedades humanas do que da natureza humana”. Com efeito, as culturas e, conseqüentemente, os meios científicos, médicos e tecnológicos, detém implicância no envelhecimento.

De acordo com estatísticas da Organização Mundial da Saúde (OMS), a faixa etária de idosos é a que mais cresce em todo o mundo. A OMS estima que, em 2050, cerca de 2 bilhões de pessoas, ou uma em cada quatro pessoas, terá mais de 60 anos, configurando assim uma população idosa de aproximadamente 25% (Oliveira, 2018, p. 14).

Atualmente, a maioria dos países mais envelhecidos do mundo encontram-se no espaço europeu, devido ao aumento acelerado da esperança média de vida, e por outro lado, da queda abrupta e continuada da fertilidade (Aboim, 2014, p. 207). Portugal é considerado o terceiro país da União Europeia (na composição de 27 países) com maior percentagem de pessoas idosas, ultrapassado apenas pela Alemanha e pela Itália. Entre 1960 e 2021, a pirâmide populacional sofreu uma inversão muitíssimo acentuada. Enquanto em 1960 o índice de envelhecimento era de apenas 27,3 – ou seja, havia pouco mais de um quarto de pessoas com

mais de 65 anos por relação às menores de 14 anos - em 2021 este número atinge já os 182,1. A cada 100 jovens existem 182 idosos (PorData, 2023).

O expressivo envelhecimento de uma sociedade, representa desafios à sustentabilidade dos sistemas públicos de proteção social, onde a prestação de cuidados de saúde; a rede de equipamentos e de serviços; e as políticas de apoio à família necessitam de atenção (Aboim, 2010). Atribuir ao idoso uma posição de ator social é um dos princípios centrais de uma sociologia do envelhecimento, permitindo que se dê voz a cada indivíduo e se encontre uma solução o mais individualizada possível, que vá ao encontro das necessidades individuais do idoso e por sua vez da sua família constituinte (*idem*, p. 228).

Efetivamente no processo de envelhecimento, as capacidades de adaptação do indivíduo diminuem, tornando-o cada vez mais frágil e sensível ao meio ambiente. Um processo que acarreta o verbo morrer, o termo “período de fim”, e o conceito de isolamento. Segundo Aboim, “as condições materiais de vida, a transição para a aposentadoria, o declínio da saúde e da vitalidade física, a sexualidade, o isolamento familiar e social, entre outros temas, passaram a constituir objetos privilegiados de análise do segmento mais velho da população” (Aboim, 2014, p. 208).

### **1.2.2 O Envelhecimento Ativo**

O conceito de “Envelhecimento Ativo” (EA) foi introduzido em 2002 pela OMS, como um “processo contínuo de otimização da habilidade funcional e de oportunidades para manter e melhorar a saúde física e mental, promovendo independência e qualidade de vida ao longo da vida” (OMS, 2021).

O discurso do EA e as medidas concretas que o materializam, surgiram impulsionadas por grandes mudanças macrossociais: pelo envelhecimento demográfico que tem suscitado diversas preocupações junto de atores políticos nacionais e supranacionais; pela substituição progressiva do modelo de Estado-Providência europeu por um novo modelo, designado por “Estado Social Ativo” (Cassiers, 2005); pelo advento do paradigma do “envelhecimento positivo”, que substituiu o antigo paradigma do “declínio e da perda.” (Teixeira & José, 2014, p. 30)

O EA ultrapassa estereótipos caracterizados pela passividade e dependência, dando ênfase a uma necessidade de maior autonomia e participação. Na ótica da OMS, envelhecer ativamente

é um direito humano fundamental, sensível aos diferentes contextos de vida familiares e socioeconómicos. O cariz humanista da OMS separa o envelhecimento de conceitos puramente económicos, invocando o termo para uma abordagem onde reina o bem-estar físico e mental, a qualidade de vida e a participação social do indivíduo (Lemos, 2020, p. 14). As quatro noções chave da EA distribuem-se entre autonomia, independência, qualidade de vida e esperança de vida saudável. É ainda de notar que a conceção da OMS atribui importância às relações intergeracionais e às desigualdades de recursos e de oportunidades (Teixeira & José, 2014, p. 41).

Por conseguinte, a OMS concebe o EA como uma responsabilidade coletiva, mas também individual. Na perspetiva de que o envelhecimento pode ser uma experiência positiva, sinónimo de uma vida mais longa e acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança, a OMS enfatiza a importância das pessoas perceberem o seu potencial para a promoção do seu bem-estar e, sobretudo, da sua qualidade de vida (Ribeiro & Paúl, 2011).

A este respeito, a OMS salienta que as pessoas, à medida que envelhecem, podem ser ativas em múltiplos domínios, rejeitando explicitamente a associação de “ativo” a “fisicamente ativo” ou a “economicamente produtivo”. (Teixeira & José, 2014, p. 36)

Independentemente do tipo de formulações que se possam fazer sobre o EA, este consiste num discurso geral que ecoa, segundo diferentes intensidades, na esfera da União Europeia e das Nações Unidas (Teixeira & José, 2014, p. 31). No plano político, o EA entrou definitivamente nos vocabulários dos decisores internacionais, dos profissionais de diferentes setores de atividade e dos investigadores de diferentes áreas, pela proclamação da Década do Envelhecimento Saudável 2020-2030.

“Adicionando vida aos anos” (OMS, 2023), simboliza um programa que defende que as oportunidades que acompanham uma maior longevidade dependem fortemente de um Envelhecimento Saudável. Este conceito exprime o desenvolvimento e a conservação da habilidade funcional, que permite o bem-estar na idade avançada e que convoca as comunidades a promoverem as capacidades da pessoa idosa.

### **1.3 Artes e Intervenção Socioeducativa**

O exercício criativo é um impulso primário, não consciente, que nasce com os seres humanos, onde o cérebro tem como objetivo final o bem-estar (Lemos, 2020). Neste âmbito, interessa-nos versar sobre o exercício criativo, perante duas dimensões distintas: a educação das crianças e o envelhecimento ativo dos idosos.

### 1.3.1 Crianças

As crianças são criadoras por natureza e naturalmente imitadoras. Adaptam-se ao mundo de forma progressiva, por reflexo, assimilação e acomodação. Na verdade, qualquer criança caminha em direção ao concreto. E na arte aproxima-se da realidade, desde as cores que deseja usar, ao traço que pretende que surja, um traço, que se assemelha a algo que conhece, proveniente do seu mundo real ou imaginário (das histórias presenciadas ou relatadas).

A sua necessidade expressiva mantém-se viva. Reinventa-se e reinventa-se a si própria através da arte (Gloton & Clero, 1973, P.15). Logo, segundo Gloton & Clero (1973): “Se... a criatividade é uma função universal, que existe potencialmente em todo o indivíduo, então a ativação desta função é um problema da educação.” (*idem*, p.16)

O que importa sobretudo, é que a prática artística constitui uma base sólida para a melhoria do exercício da cidadania visto que, como referiu Damásio (2006), as artes e as humanidades são áreas que favorecem a consolidação da reflexão e do discernimento (Gomes, 2012, p. 86).

No que toca à expressão através da arte, esta surge como uma argumentação que se concretiza enquanto essencial à humanidade (a expressão da inquietação, do amor, do medo). De facto, a educação artística não é apenas a hora de desenhar ou pintar, mas sim uma área importante para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

Torna-se imperativo a arte fazer parte deste caminho a percorrer, no campo da inclusão. É crucial promover a arte como meio de integração social e cultural, que gera alternativas de crescimento pessoal. A arte trabalha uma cidadania associada aos direitos humanos e, por serem humanos, a uma responsabilidade cívica na construção de um mundo sustentável.

---

<sup>11</sup> Criatividade é a inteligência a divertir-se.

(Fernández, 2019, p. 267) A educação pela arte incorpora este caminho de aprendizagens e modelos curriculares flexíveis, contribuindo para que o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória seja atingido por todos, ainda que, através de percursos diferenciados que permitam a cada um progredir no currículo com vista ao seu sucesso educativo (Galinha, 2019, p.81).

### **1.3.2 Idosos**

A relevância que as atividades de ordem criativa podem ter na vida dos idosos merece igualmente atenção. Ainda que a criatividade componha uma dimensão sobretudo associada aos mais jovens, esta não é exclusiva de uma faixa etária (Gonçalves & Anica, 2016, p. 139).

O mito de que a criatividade é apenas uma capacidade dos mais novos faz com que se ignore todo o potencial que a 3ª idade tem para oferecer (Lemos, 2020, p. 24). Aliás, podemos até assumir que a sabedoria e a maturidade favorecem a capacidade de criar. Encontramos exemplos disso, ao longo da História, em casos de indivíduos que colocaram a criatividade em prática até à sua morte, e de outros tantos que se tornaram reconhecidos apenas no período da sua velhice, tais como: Cézanne, Goya, Michelangelo, Rembrandt e Tiziano na pintura; Sófocles, Eurípedes, Tolstoy, Goethe, Cervantes, Ibsen, Beckett, na literatura; e Beethoven, Britten, Verdi, Wagner, Schoenberg, R. Strauss, na música (Santos, 2010).

A criatividade é uma dimensão inerente ao ser humano, que poderá proporcionar um novo paradigma para o envelhecimento (Gonçalves & Anica, 2016, p. 139). Segundo Azambuja (2005), a criatividade acarreta aspetos progressistas, que possibilitam mudanças e transformações durante a terceira idade: “o fazer artístico não é uma forma de relaxamento e lazer, é na realidade, um aumento da vitalidade do interior do indivíduo, levando a um melhoramento da qualidade de vida” (Azambuja, 2005, p.192).

Entender as relações entre criatividade e envelhecimento é da maior importância, na medida em que torna possível a valorização do potencial dos indivíduos, restituindo-lhes o lugar da aprendizagem, do crescimento e da participação na comunidade, promovendo o melhoramento do funcionamento cognitivo e da qualidade de vida dos idosos (Gonçalves & Anica, 2016, p. 140).

Na plataforma Creative Aging Toolkit for Public Libraries, desenvolvida pela Lifetime Arts, Inc, os investigadores têm descoberto que o envelhecimento do cérebro é muito mais plástico do que se acreditava anteriormente, e que a aprendizagem estruturada, especialmente através das artes, pode

melhorar o funcionamento cognitivo e a qualidade de vida (Creative Aging Toolkit for Public Libraries, n.d.) (Gonçalves & Anica, 2016, p. 140).

Finalmente, devemos acrescentar que a prática do envelhecimento criativo tem emergido em três áreas distintas - Saúde e bem-estar; Aprendizagem ao Logo da Vida; e Comunidade - onde se desenvolvem programas direcionados para a utilização das artes como meio de desenvolvimento cultural ou cívico, através dos quais os idosos podem contribuir para a vida das suas comunidades, e que neste projeto nutrem uma efetiva inspiração (Gonçalves & Anica, 2016, p. 140).

### **1.3.3 Relações Intergeracionais na Intervenção Socioeducativa**

As relações intergeracionais constituem um campo cuja importância tem vindo a crescer, devido sobretudo às modificações demográficas, e a questões que face a essa realidade se tornam ainda mais preocupantes: o “idadismo”; o afastamento entre gerações; a sustentabilidade; a integração; a solidariedade e o envelhecimento ativo (Branco, 2014).

A criação das práticas intergeracionais foi motivada pela crescente perceção sobre a separação dos membros jovens e séniores das famílias, devido às mudanças geográficas e aos seus efeitos negativos para as gerações (Newman, 1997; Newman & Hatton-Yeo, 2008, citado por Branco, 2014, p. 9).

A educação intergeracional é um tipo de educação não formal, que possui influências no desenvolvimento pessoal e social e no bem-estar de cada indivíduo, compreendendo um processo onde todos estabelecem e oferecem aprendizagens significativas (Oliveira, 2018, p. 49). Estas duas gerações, que integram polos de vida opostos, complementam-se maioritariamente pelos gostos, passatempos, necessidades, escolhas e partilhas, evidenciando um intercâmbio de suporte entre as gerações (Lopes, 2008, p.26).

A educação intergeracional provém de um encontro entre gerações, onde segundo Villas-Boas (2016, citado por Oliveira, 2018, p. 24) se fortalece uma “dinâmica de cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo”.

As práticas intergeracionais evidenciam benefícios consistentes, onde é possível gerar uma mudança na mentalidade da comunidade em relação à imagem do idoso, resgatando a memória de um povo através de seu património vivo. Estes resultados podem e devem ser multiplicados

por organizações públicas e privadas, e integradas no quotidiano das instituições e das comunidades (França, Silva & Barreto, 2010, p. 529).

Nas práticas intergeracionais é priorizada uma educação cultural e social, perante um espaço privilegiado de encontro e interação com a comunidade envolvente. A estratégia que fundamenta a ação destes programas incide no favorecimento horizontal de ambas as gerações, onde os benefícios são múltiplos: cuidado, comunicação, colaboração, aprendizagem, contato com modelos positivos e construção de relações prazerosas (Canejo, 2018, p. 71).

Os primeiros Projetos Intergeracionais (PI) surgiram no final da década de 60 do século XX, nos Estados Unidos da América, com o objetivo de colmatar a separação geográfica dos membros das famílias. Os PI foram definidos, pelo Instituto da Educação UNESCO sobre Práticas e Programas Intergeracionais, como ações baseadas em relações recíprocas, meios de troca intencionais e contínuos de recursos e aprendizagens entre as gerações mais seniores e jovens, com benefícios para ambas ao nível individual e social (Branco, 2014, p. 9).

Os projetos intergeracionais são ferramentas importantes para organizar atividades adequadas a um público-alvo: Um sistema, uma abordagem e uma prática em que todas as gerações, independentemente da idade, etnia, localização e estatuto socioeconómico, se unem no processo de gerar, promover e utilizar ideias, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores de forma interativa com o objetivo de fomentar a melhoria pessoal e o desenvolvimento da comunidade. (Hatton-Yeo, 2002, como referido em Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero, 2016, p.126 e citado por Oliveira, 2018, p. 26)

Por conseguinte, as práticas intergeracionais em Portugal estão em crescimento, sendo já possível referir alguns projetos importantes que visam a educação intergeracional (Oliveira, 2018, p. 11). Exemplo disso, é o projeto TOY, que se identifica como uma ferramenta mobilizadora de pessoas e comunidades, fundamentado num processo humanista que combina diferentes gerações para alcançar um bem comum:

Através do contacto frequente e renovado com crianças, as pessoas idosas afirmaram sentirem-se mais úteis. Um sentimento canalizador de energia, que promove a saúde e o bem-estar. Ambas as gerações beneficiaram da diversão em atividades partilhadas e, através desta interação, aprenderam sobre os mundos e modos de vida umas das outras, desafiando estereótipos culturais ligados à idade ou género. Um dado importante do projeto TOY é a compreensão da aprendizagem, holística e transversal, e que inclui os contributos de novos e velhos. Através das interações e relações, crianças e pessoas idosas podem ser cocriadoras de conhecimento e de relações de aprendizagem. (The TOY

Project Consortium, 2013).

## **2. Diagnóstico**

Não é possível formular uma intervenção sem uma boa colheita de informação, levada a cabo a partir de fontes de informação diversificadas. Na verdade, um bom diagnóstico é o garante da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projeto de intervenção. Consequentemente, o diagnóstico não é uma lista de desgraças mais ou menos e empiricamente provadas, mas sim representa um olhar sobre uma realidade que tem vulnerabilidades, mas também potencialidades de desenvolvimento (Guerra, 2006, p. 131). Trata-se de uma oportunidade de criar laços de confiança e interconhecimento, propor soluções e mobilizar a população para a ação.

Finalmente o diagnóstico, sendo definido como o aprofundamento das dinâmicas de mudança, das potencialidades e dos obstáculos numa determinada situação, é um processo permanente e sempre participado, pelo que está sempre inacabado (*ídem*).

### **2.1 Diagnóstico: Problemática e Contexto**

O crescimento da população com mais de 65 anos de idade e a redução do número de jovens constituíram tendências marcantes das últimas décadas. Se, por um lado observamos a longevidade como uma vitória em termos de desenvolvimento socioeconómico e de saúde pública, por outro, assistimos a uma forte redução da natalidade (Lemos, 2020, p. 12). Estas alterações possuem repercussões no contexto familiar e social atual, onde crianças e pessoas idosas tendem a viver em mundos separados. Para além da família, existem poucas oportunidades de convívio entre estas gerações (The TOY Project Consortium, 2013). De toda a maneira, tal como nos indica Aboim (2014), o isolamento social do idoso é um processo estrutural das nossas sociedades, nas quais envelhecimento e maior solidão são realidades cúmplices em inúmeros casos (Aboim, 2014, p. 223).

A nível demográfico e devido aos fluxos migratórios, a diferenciação regional do tipo



Norte/Sul passou a ser do tipo Litoral/Interior. Muitas famílias migraram para os grandes centros urbanos à procura de postos de trabalho na indústria, e inevitavelmente de melhores condições de vida. Uma circunstância que originou um envelhecimento demográfico acentuado no interior do país, o qual se tornou um espaço de visita esporádica dos membros mais novos das famílias (Sousa, 2006, p. 21). Efetivamente, testemunhamos a desertificação territorial das zonas rurais, em especial nas regiões interiores do país, que atualmente são as que representam um maior índice de envelhecimento (Lemos, 2020, p. 33).

Esta mobilidade familiar fomentou o isolamento do idoso do campo. Um conceito demonstrado em Sousa (2006, p.21): “os filhos não podem mudar de local porque lá têm o seu emprego, os pais estão apegados à sua terra, casa e aos amigos que lhe restam. Assim, cada vez mais idosos vivem sozinhos”, e só lhes resta o recurso a instituições.

Ainda que a institucionalização do idoso surja com uma conotação social negativa, esta ajuda estatal destaca-se como uma das respostas mais implementadas em Portugal. Para além de existirem estruturas com condições bastante dignificantes, a dependência e a acrescida vulnerabilidade inerente ao envelhecimento, são colmatadas através das estruturas sociais que são criadas nas diferentes comunidades (Sousa & Anica, 2020, p. 73). No entanto, como notam Sousa & Anica (2020), “a vivência em estruturas residenciais, implica a quebra de um padrão de vida, a mudança de estatuto social, a limitação da autonomia e independência e a diminuição das atividades que eram habituais” (*idem*, p 73).

Por conseguinte, não é apenas a demografia desequilibrada dentro do país que surge como preocupação, torna-se também crucial refletir sobre a existência de uma alta percentagem de idosos inativos e dependentes, que surgem em maior número, novamente, nas zonas rurais e interiores (Lemos, 2020, p. 9). Ainda nesta perspetiva, a perda da autonomia e da satisfação, resultam na diminuição da qualidade de vida do idoso e do seu papel ativo na sociedade, compondo a necessidade de prevenir e ultrapassar as dificuldades de vivência em contexto coletivo e institucional, através de programas comunitários intergeracionais (Sousa & Anica, 2020, p. 73)

O propósito deste projeto recai sobre a definição de possibilidades de intervenção com recurso às artes e à intervenção socioeducativa, perante o intuito de abordar a diversidade numa comunidade proveniente da Beira Baixa: o encontro social entre gerações e os seus benefícios enquanto atividade expressiva e educativa. Este objeto de estudo, será observado através da sua aplicação concreta, com um grupo de crianças do jardim de infância da SCM da Sertã e com um grupo do lar de idosos da mesma instituição.

Segundo os mais recentes dados da PorData (2021), o concelho da Sertã apresenta um índice

de envelhecimento de 290%, um aumento brutal, face aos 34,6% registados no ano de 1960. Também o índice de dependência dos idosos requer atenção, ao alcançar os 53,5% nos censos de 2021.

A SCM da Sertã presta serviço a mais de 400 utentes (220 crianças na Creche- Jardim de Infância; 60 utentes no Lar Nossa Senhora do Carmo, 50 utentes no Lar António Ferreira Alberto; 80 utentes no Apoio Domiciliário). Neste projeto, interessa-me a articulação da Creche- Jardim de Infância e do Lar Nossa Senhora do Carmo, que se encontram localizados com uma maior proximidade. Os dois serviços, apesar de se encontrarem instaladas no mesmo local, não estabelecem pontos de encontro no seu plano de atividades. Estas instituições vizinhas funcionam de forma autónoma e raramente se intercetam.

Segundo as animadoras socioculturais do LNSC, as dinâmicas entre as duas valências da SCM da Sertã são escassas e muito pontuais. Acrescento ainda, que ao longo dos últimos cinco anos, não existiram mais de 3 momentos de encontro entre as crianças e os idosos.

## **2.2 Caracterização da Instituição**

Como refere Alcina Martins (1999, p. 90), as Misericórdias Portuguesas foram fundadas em Portugal, no século XV, e apesar de todas as controvérsias por que passaram, são hoje instituições indispensáveis à sociedade portuguesa. Dedicam-se fundamentalmente, à atividade de apoio à velhice e à infância, e representam uma instituição fundamental em que se alicerça a beneficência.

A SCM da Sertã é uma instituição que, tendo em conta o Artigo 1º do Capítulo I do Compromisso da SCMS, terá sido criada no século XVI, mais precisamente entre os anos de 1516 e 1530. Contudo, segundo informações retiradas do Artigo 1º do Capítulo I do Regulamento Interno dos Estabelecimentos de Apoio a Idosos e do Compromisso da SCMS, e complementando ainda estas informações com informações verbais cedidas pelo Sr. Provedor desta instituição, tomamos conhecimento que a SCMS terá apenas sido inscrita como IPSS a 7 de Outubro de 1982, no Livro das Irmandades da Misericórdia da Direção Geral da Segurança Social.

Esta instituição possui como património as instalações do Lar António Ferreira Alberto (anteriormente um albergue); o Lar Nossa Senhora do Carmo (anteriormente como hospital da Misericórdia); as instalações da creche, jardim de infância e ATL; um Bairro-Social com 30

moradores (Bairro José Farinha Tavares) e ainda a Igreja da Misericórdia.

Quanto às valências da Instituição, no que respeita à ação social para a 3ª idade, esta é formada por 2 Lares: O Lar António Ferreira Alberto (LAFA) e o Lar que corresponde à análise deste trabalho académico, o Lar Nossa Senhora do Carmo (LNSC). Este último terá sido fundado a 1 de novembro de 1998 e possui hoje cerca de 60 utentes em institucionalização permanente e aproximadamente 24 utentes em apoio domiciliário, que contam com os serviços prestados por cerca de 50 funcionários. No que se refere às valências da Instituição, que corresponde à ação social para a infância, a SCMS dispõe de uma Creche, Jardim de Infância e ATL, O Pinheirinho, que possui sensivelmente 210 crianças, estando estas sob a guarda de pelo menos 30 funcionários.

Desempenham ainda funções na instituição (SCMS): um médico, duas enfermeiras, um fisioterapeuta, duas animadoras socioculturais, uma psicóloga, e uma nutricionista. Em suma, o número de funcionários soma um total de cerca de 115 pessoas distribuídas pelo Lar António Ferreira Alberto; Lar Nossa Senhora do Carmo; Apoio Domiciliário; Apoio Domiciliário Integrado; Creche; Jardim de Infância; ATL, O Pinheirinho; Secretaria e Serviços Administrativos.

## 2.3 Metodologia

Pretendeu-se desenvolver um projeto de tipo estratégico, que adota um modo de planificação de tipo interacionista: um modelo de ação no qual o desenvolvimento se baseia num ciclo de ação e de reação. As fases em si nunca estão terminadas, entrelaçam-se umas nas outras e são interdependentes (Guerra, 2006, p. 98). Em concordância com as pesquisas efetuadas, não existem atualmente projetos comunitários de intervenção local, que não se definam obrigatoriamente pelo recurso às metodologias de investigação-ação. Segundo Guerra (2006), “é assim, porque a pesquisa ação define-se como uma metodologia de intervenção transformadora, associada ao acto de conhecer a intenção de provocar mudança social” (*idem*, p.98). Por conseguinte, os atores são considerados, não como objetos passivos de investigação, mas como sujeitos participantes (*idem*, p.62).

Desse modo, perspetivamos uma ação coletiva, com base no reconhecimento da autossuficiência dos indivíduos e na sua capacidade de organização, onde a gestão do projeto desempenha um papel estreito, para que a decisão pertença à população (*idem*, p. 98).

De acordo com Guerra (2006), o diagnóstico deve considerar os diferentes atores envolvidos num projeto, os seus beneficiários, as suas necessidades específicas, as suas particularidades de funcionamento, e ainda os condutores da ação e os decisores, responsáveis pelo acionamento de recursos. Quanto aos conteúdos, o diagnóstico deve abranger de uma forma tão exaustiva quanto possível, a caracterização dos contextos, os contornos dos diversos problemas, e a sua relação mútua.

A concretização do diagnóstico permite organizar a estrutura de acompanhamento que irá acompanhar e avaliar o projeto, pelo que se pretende uma ativa participação de todos os indivíduos, que deverão, desde início, contribuir para o desenho do projeto (*idem*, p. 145). Desse modo, no terreno junto de todos os intervenientes, devemos efetuar ainda o levantamento das seguintes matérias: a relação da criança e do idoso com a sua instituição; a dimensão e a intensidade dos problemas e o nível a que se manifestam; a identificação da perspectiva individual quanto a problemas, recursos logísticos, financeiros, humanos, infraestruturais, políticos e relacionais que podem estar associados ao projeto; as representações, motivações, projetos e interesses dos diversos agentes e o modo como encaram os problemas e/ou as propostas; a presença de espírito de iniciativa e a capacidade de calcular o risco em práticas inovadoras; e a colaboração entre profissionais e outros atores dentro das duas instituições (*idem*, p. 134 e 135).

A produção do diagnóstico para este projeto obedeceu a técnicas comuns de recolha e tratamento de informação características das ciências sociais, como a análise documental, a observação e as entrevistas semi-estruturadas. Efetivamente, a envolvimento do investigador em todo o processo, possibilitou uma maior e melhor compreensão dos dados obtidos, permitindo assim uma avaliação reflexiva e interpretativa.

A orientação metodológica escolhida foi predominantemente qualitativa. Procuramos trabalhar com valores, crenças, representações, atitudes e opiniões do nosso público-alvo. Desejamos acima de tudo, aprofundar a complexidade do fenómeno das relações intergeracionais e os seus processos (Oliveira, 2018, p. 32).

Começámos por entrevistar especialistas de ambas as instituições. Enquanto informantes privilegiados da SCMS, entrevistámos o Diretor Técnico do LNSC e a Diretora Técnica da Creche, Jardim de Infância e ATL, O Pinheirinho. Ao passo que, no que diz respeito a parceiros fundamentais para a concretização do projeto, foram entrevistadas as animadoras socioculturais, a gerontóloga social, a educadora de infância e a assistente operacional responsável pela turma.

Numa primeira fase deste projeto, foram realizados dois períodos de observação, quer do

contexto do grupo de idosos, quer do contexto do grupo de crianças da SCMS. As notas de campo retratam as ações e interações que decorreram no desenrolar do diagnóstico deste projeto, onde foram registadas ideias, estratégias, acontecimentos e reflexões daquilo que o investigador ouviu, viu e experienciou.

Com um conjunto de participantes já selecionados, no caso dos idosos, mediante estado clínico e interesse no projeto, e no caso das crianças, por meio de parecer positivo dos encarregados de educação, decidimos realizar uma entrevista semi-estruturada ao público-alvo. Esta ação metodológica possuiu como principal objetivo, a recolha de dados acerca dos clientes da SCMS. Alguns dos dados foram fornecidos pelos Diretores Técnicos de ambas as instituições, outros apresentados pelos próprios participantes.

A entrevista semi-estruturada que possibilitou a caracterização dos elementos do projeto, visava a obtenção de informações e interpretações únicas com cada um dos participantes, onde foram considerados os seguintes indicadores:

Idosos: Género; Idade; Naturalidade; Local(ais) de Residência; Estado Civil; Nível de Escolaridade; Profissão exercida; Ano de entrada no LNSC; Composição do agregado familiar; Relacionamento e Contacto com o agregado familiar; Nível de satisfação com o serviço prestado no LNSC; Passatempos preferidos antes da entrada no LNSC e no LNSC; e outros.

Crianças: Género; Idade; Composição do agregado familiar; Pontos de interesse e de desinteresse dentro e fora da escola; Atividades preferidas com o agregado familiar; Sonhos e ambições; Entendimento sobre o conceito de idoso e de velhice; e outros.

A entrevista semi-diretiva constitui uma técnica de recolha de dados flexível e que gera proximidade com o público-alvo, adequada para utilizar com a população idosa e infantil, uma vez que se aproxima da vida quotidiana do coletivo, eliminando a sensação de elemento avaliativo e superando limitações a nível funcional e sociocultural. Contudo, falta acrescentar que o momento das entrevistas realizadas à população idosa, foi também composto por 4 questões de carácter diretivo, para que fosse possível agrupar informações relativas ao bem-estar do idoso na instituição em análise. Questões que nomearam indicadores, mas que procuraram posteriormente apurar justificações mais pormenorizadas. Foram realizadas um total de 29 entrevistas, auxiliadas por um guião previamente elaborado (anexo 1 e 2).

O conhecimento contido no diagnóstico é multidisciplinar (Guerra, 2006, p. 134 e 135). Por conseguinte, para organizar o debate e as respetivas conclusões, foi utilizada uma técnica comum no desenvolvimento de projetos: a análise SWOT. Primeiro de forma individual e depois de forma coletiva, sempre com o auxílio e parecer dos atores locais, procurando chegar a consensos tão alargados quanto possível.

	<b>Fatores Positivos</b>	<b>Fatores Negativos</b>
<b>Fatores Internos</b>	<p><b>Forças:</b></p> <p>Proximidade de ambas as instituições; Número de recursos humanos necessários; Recursos materiais disponíveis; Interesse dos parceiros do projeto em desenvolver atividades de convívio intergeracional.</p>	<p><b>Fraquezas:</b></p> <p>LNSC: Espaços limitados; Apenas um número muito limitado de utentes, apresenta um estado clínico capaz de integrar atividades socioeducativas.</p> <p>Jardim de Infância: Espaço lotado e dificilmente capaz de receber o grupo de idosos selecionado para o projeto intergeracional.</p>
<b>Fatores Externos</b>	<p><b>Oportunidades:</b></p> <p>Valorização da relação afetiva entre duas gerações, proporcionando o contacto com a comunidade.</p> <p>LNSC: Quebra da monotonia na instituição; Estimulação de um maior número de utentes a participar nas atividades propostas pelas animadoras socioculturais.</p> <p>Jardim de Infância: Formulação de associações mais positivas ao conceito de “velhice” e “ser idoso”.</p>	<p><b>Ameaças:</b></p> <p>Desinteresse de alguns utentes do LNSC.</p>

Por fim, devo ainda referir que o diagnóstico estende-se como uma operação que se realiza ao longo de todo o projeto, já com ações em curso. Este elemento pedagógico constitui uma peça fundamental no que toca ao aprofundamento e discussão dos problemas, das potencialidades e

prioridades do projeto em causa, uma vez que o diagnóstico participado gera uma cultura do projeto e um conhecimento mútuo entre todos os intervenientes (*idem*, p. 135).

## **2.4 Público-Alvo**

Este projeto é composto por dois grupos principais de participantes: um grupo-turma de crianças e um grupo de idosos, de duas instituições de apoio social, pertencentes à SCM do concelho da Sertã. A amostra total do projeto é constituída por 29 participantes, sendo que 21 integram o grupo de crianças e 8 pertencem ao grupo de idosos. No que respeita à seleção face à população infantil integrante do projeto “Entrelaçar Gerações – Os Avós do Coração”, este grupo-turma terá sido definido pela Diretora Técnica do Jardim de Infância da SCM, enquanto os 8 idosos participantes foram identificados através do parecer dos vários profissionais do LNSC, e mediante o interesse pessoal dos próprios idosos em participar no projeto.

### **Idosos**

A população idosa residente no LNSC e que integra este projeto, é composta por 5 participantes do género feminino e 3 participantes do género masculino, todos naturais da Sertã. Ainda que a idade dos 80 anos seja a mais representada, a média de idades dos idosos é de 78 anos, sendo que o elemento mais novo do grupo possui 65 anos e o mais velho 88 anos. A grande maioria destes indivíduos reside na instituição da SCMS há menos de 4 anos, no entanto, 2 dos participantes residem no LNSC há mais de 10 anos.

No que respeita às habilitações literárias dos participantes a maioria possui como habilitações o 4º ano (50%). Porém, um dos elementos no sexo feminino não sabe ler nem escrever e dois outros possuem menos do que o 4º ano de escolaridade. Com o 3º ciclo completo do ensino básico, surge apenas um participante do sexo feminino.

De acordo com os dados obtidos, relativamente ao estado civil dos inquiridos, observa-se que todas as mulheres são viúvas, enquanto todos os homens são solteiros. Já no tópico que diz respeito a filhos e netos, a população masculina que integra o projeto não possui qualquer descendência direta. Ao mesmo tempo, todos os elementos femininos apresentam ter 2 ou mais filhos, e mais de 4 netos e ou bisnetos.

No que se refere às profissões exercidas pelo grupo que beneficiou deste projeto, os resultados são mais variados: 3 participantes do sexo feminino foram domésticas e

trabalhadoras do campo; uma das participante do sexo feminino trabalhou no mercado como vendedora; uma participante do sexo feminino exerceu o cargo de empregada de balcão; um participante do sexo masculino assume-se como carpinteiro e artesão; um participante do sexo masculino laborou enquanto maquinista; e ainda um outro participante do sexo masculino ocupou-se ora enquanto pastor e trabalhador do campo, ora enquanto pedreiro.

Por fim, é importante ainda ter em conta, que grande parte do grupo de idosos identificado, dispõe de dificuldades relacionadas com a mobilidade, deslocando-se de andarilho ou cadeira de rodas. Também acentuadas dificuldades associadas à audição, foram identificadas em cerca de metade dos idosos.

### **Crianças**

O grupo infantil em análise, integrante do pré-escolar do Jardim de Infância da SCMS, é constituído por 9 crianças do género feminino e 12 crianças do género masculino, cujo as idades variam entre os 5 e os 6 anos de idade. Todas as crianças participantes no projeto “Entrelaçar Gerações – Os Avós do coração”, são naturais da Sertã, onde também residem.

A sua grande maioria (76%) estão inseridas num quadro familiar nuclear, contudo, o grupo-turma inclui 3 crianças em contexto monoparental e 2 que residem em regime de família alargada ou extensa.

Neste enquadramento, tornou-se importante efetuar um levantamento de dados, correspondente ao número de avós existente na família. Os resultados são efetivamente heterogéneos, contudo, apenas uma das 21 crianças beneficiárias do projeto não possui avós, nem dispõe de qualquer lembrança afetuosa e emocional dos mesmos. Cerca de 23% das crianças inquiridas, contam com a presença de 4 avós (2 avós + 2 avôs) na família, a viverem no mesmo concelho de residência (município da Sertã). A somar a estes 23% de relações intergeracionais, onde avós e netos residem no mesmo concelho de residência, contamos com mais 42% de crianças, que ainda que possuam 3 ou menos avós (até 1 avó/avô), usufruem de proximidade residencial e relacional. A acrescentar a estes números percentuais, está o caso de uma criança que habita com o seu único avô, na mesma residência, e o contexto múltiplo de 2 crianças, que possuem na sua disposição familiar, a condição de avós que vivem no seu concelho de residência e de avós que vivem fora do seu concelho de residência. Falta ainda acrescentar o quadro familiar de uma das crianças que, ainda que identifique na família a existência de avós, estes residem num outro país fora do continente europeu.

Por fim, tal como no grupo de idosos em que foi abordado a profissão exercida, também as crianças foram questionadas acerca das profissões que gostariam de vir um dia a exercer. A



profissão mais vezes mencionada (por cerca de 7 crianças), foi a de polícia, que por vezes, foi ainda combinada com uma outra, ora professor, médico, bombeiro, ou jogador de futebol. A designação de professora, foi proferida por 3 crianças do sexo feminino, e a de jogador de futebol terá sido expressada igualmente por 3 crianças, mas do sexo oposto. Ainda 3 crianças, anunciaram vir a querer desempenhar profissões relacionadas com a saúde, nomeadamente, médico, enfermeiro e dentista. A lista estende-se a cantor, carteiro, gasoleiro, veterinário, bombeiro e piloto de carros. Na perspetiva dos sonhos, a lista é ampla e plural, um universo que por vezes foi associado à profissão desejada. Se alguns expuseram anseios do imaginário, outros foram objetivos, onde ser rico, conduzir um carro, andar de avião e viajar para o Brasil foram as palavras mais relatadas. Ser jogador de futebol, pertencer à equipa do CR7, “apanhar muitos ladrões” e “ser polícia de resgate”, surgem em associação sonho/profissão. Até mesmo “ganhar um abraço da mãe e do pai” e “ter um amigo”, tiveram lugar como resposta à pergunta, “Qual o teu maior sonho?”. Finalmente, a fertilidade imaginária característica desta idade, surge na expressão de sonhos, como “ver um unicórnio”, “ter uma varinha mágica para realizar desejos”, “ser uma sereia e morar na água”, “ser fada para dar notas às pessoas para não ficar ninguém pobre”, “montar e cuidar de ventoinhas”, “ganhar diamantes, ouro e mais legos”.

## **2.5 Análise das Entrevistas**

### **2.5.1 Análise das Entrevistas aos Idosos**

Na condução das entrevistas, procurou-se reconstituir pormenorizadamente as narrativas de vida de cada indivíduo, privilegiando um método narrativo, como termo metodológico, para que os entrevistados “contassem a sua história de vida desde a infância, salientando momentos particulares de transição ou ruptura que para eles tivessem sido importantes. O foco, eram as possíveis transformações da identidade pessoal” (Aboim, 2014). Tendo como inspiração o estudo de Sofia Aboim, na qual a autora nos indica que o seu objetivo central dirigiu-se ao levantamento e análise do sentimento pessoal de homens e mulheres, face ao inevitável processo de envelhecimento:

Nas histórias que recolhemos multiplicaram-se, de diferentes formas e consoante os contextos da vida familiar atual (em que filhos e netos têm as suas vidas, por vezes algo apartadas dos seus ascendentes), as referências à maior solidão, frequentemente acompanhada de um sentimento de

inutilidade, de perda de valor para as pessoas próximas e também para a sociedade (Aboim, 2014, p. 223).

Cerca de 8 inquiridos afirmam não receber visitas regulares da família, principalmente porque os filhos estão migrados ou vivem em centros urbanos distantes do concelho da Sertã, contudo foram acrescentadas expressões como “mas ligam todos os dias”, ou “mas ligam muita vez”. Apenas 25% dos entrevistados, afirmam receber visitas dos familiares em regime semanal. No que se refere ao contacto com os netos e bisnetos, a situação agrava-se, pois apenas um dos participantes refere ter contacto regular com esta geração. Todos os restantes descrevem o convívio como irregular, ou muito irregular, demonstrando que a situação de vida familiar e as redes de apoio, determinam um universo plural. Ainda assim, os idosos do LNSC classificam o relacionamento que mantêm com a sua família de afetuosidade, harmonia e preocupação.

Os idosos que vivem em lares para a terceira idade descrevem que o seu processo de envelhecimento se traduz na perda de autonomia e de atividade, elementos que revelam ser duros para este grupo. Contudo, é perceptível um discurso de aceitação, que ainda que esconda mágoas que surgem ao longo da entrevista, mais ou menos veladas, o grupo conseguiu enumerar vantagens relativas à vida num lar (Aboim, 2014, p. 223).

A grande maioria dos inquiridos classificou o serviço prestado pela instituição como muito satisfatório. Um dos elementos categorizou ainda o serviço proporcionado pelo LNSC como “Excelente”, em contraste com um dos participantes que declarou apenas “satisfatório”, quando lhe foi realizada a questão. Também a classificação atribuída ao relacionamento que nutrem com os funcionários da instituição, revelou resultados muito positivos, onde as respostas variam apenas entre bom ou muito bom.

Interessava-nos ainda perspetivar como é que as suas vidas e identidades foram afetadas pelo envelhecimento, procurando perceber quais as perceções individuais do “ser velho” e quais as principais dimensões associadas à transição para a velhice. Foi assim convocada uma questão, que procurava apurar a satisfação pessoal de cada indivíduo face às atividades desenvolvidas pela instituição. Neste caso, o género revelou-se uma variável relevante, com menores níveis de satisfação observados na população masculina, em comparação com a população feminina. De facto, quer o género, quer a cultura, constituem fatores transversais no processo de envelhecimento do ser humano. Não só a forma como a sociedade encara o processo de envelhecimento, mas também como os próprios idosos determinam o seu processo pessoal, é extremamente influenciado pelos seus valores culturais e tradicionais. Tal como nos indica o levantamento bibliográfico efetuado, os homens assumem com maior frequência,

comportamentos de risco relacionados com o alcoolismo, tabagismo e consumo de drogas, circunstância evidenciada no público-alvo deste projeto (Fernandes, Magalhães, & Antão, 2012).

Aferir os principais passatempos dos beneficiários deste projeto, antes da entrada no LNSC, foi um dos elementos convocado com cada um dos participantes. O grupo masculino revelou que passava grande parte do seu tempo em cafés, a ver jogos de futebol, a jogar às cartas, snooker, ou matraquilhos, onde o consumo de álcool estava presente no seu quotidiano, enquanto o grupo feminino referiu que se ocupava maioritariamente na cozinha, na horta, com tarefas domésticas, na malha, na costura e a ver televisão.

O sentimento de que não se é capaz de fazer o que antes se fazia sem dificuldade é muitíssimo marcado entre a maioria dos entrevistados, que, de uma ou de outra forma, repetem o mesmo discurso (Aboim, 2014).

No seguimento da questão anteriormente referida, foi então questionado a cada um dos participantes, quais os seus atuais passatempos preferidos no LNSC. Foi notória alguma inatividade e passividade, no momento da resposta, onde foram prontamente afirmados termos como, “a minha cabeça está em *stand-by*” ou “eu já tive atividade com 6 filhos”. De uma maneira geral, as atividades propostas pelas animadoras socioculturais, estiveram no topo dos resultados, listando os trabalhos manuais, as cantigas e as orações como práticas favoritas do grupo feminino, enquanto os jogos (cartas, bingo, malha, pião) significaram as ocupações favoritas do grupo masculino. Além disso, a costura, a malha e o trapilho surgem como continuação de hábitos de ocupação de tempo, que já existiam antes da entrada no lar. Tal como o fazer caminhadas, o ver televisão e o ir beber café à rua, que alguns dos utentes não prescindem da sua rotina. Falta ainda abordar, um caso curioso e notável de um dos utentes entrevistados, que ocupa maioritariamente os seus dias no lar, com projetos de artesanato, dando continuidade à sua prática profissional.

Perante um projeto que tenciona promover saúde e bem-estar, é necessário considerar a perceção subjetiva da qualidade de vida individual que os beneficiários, a quem se destina o projeto, apresentam. Efetivamente, Sousa & Anica (2020) assumem “não basta criar condições ou situações de bem-estar na velhice, é preciso escutar e conhecer o modo como as pessoas mais velhas percecionam a sua própria qualidade de vida e identificar as suas principais necessidades” (Sousa & Anica, 2020, p. 42).

Por conseguinte, como atividades que gostariam que fossem desenvolvidas na instituição,

os idosos indicaram: Cozinhar, fazer bolos e filhós; Mais passeios; Cuidar de plantas e de especiarias; Mais trabalhos manuais; Mais jogos lúdicos; Construção de brinquedos (proposta apresentada pelo idoso, que teve como prática laboral o artesanato).

Nesta análise, a relação com os outros, a ocupação laboral, a doença e a incapacidade, constituíram dimensões que se revelaram fundamentais nas narrativas da maioria dos entrevistados, evidenciando que a individualidade não se apaga num estatuto imposto e regulado pela cronometria institucional do curso da vida (Aboim, 2014, p. 227).

Por fim, as duas últimas questões que integraram a entrevista, dedicavam-se a perguntas mais diretas e objetivas, onde não só era averiguado se o participante gostava de crianças, como se gostaria de participar em atividades com a população infantil. Todos responderam “gosto muito de crianças”, e revelaram ainda, na sua larga maioria, ter interesse em participar no projeto “Entrelaçar Gerações – Avós do coração”.

### **2.5.2 Análise das Entrevistas às Crianças**

Devido ao fosso atual existente no contacto crianças-idosos, o conceito de idoso e velhice torna-se dúbio e confuso na primeira geração. Efetivamente, para uma criança torna-se mais perceptível compreender e valorizar o idoso com todas as suas capacidades e fragilidades, quando existe contacto próximo, íntimo e frequente com este grupo social. As relações intergeracionais tornam-se profundamente promotoras do envelhecimento ativo, enquanto combatem conceitos contemporâneos como o idadismo, que surge impulsionado pelo contacto circunstancial, escasso ou até mesmo inexistente entre gerações. Ainda que seja um conceito transversal a diferentes grupos etários, o idadismo prevalece sobretudo com o grupo social mais velho, e refere-se a generalizações ou atitudes negativas, incluindo estereótipos, preconceitos e discriminação (Branco, 2014, p. 14).

No decorrer das entrevistas com as crianças, foi perceptível de que poderia existir um posicionamento, ainda que ingénuo, negativo relativamente aos termos *idoso* e *velhice*. Perante as questões “O que é a velhice?” e “O que é ser idoso?”, surgiram respostas como, “é falecer”; “é ser zangado”; “é não ter dinheiro”; “é mau, porque é andar devagarinho”; “é ter de usar cadeira de rodas”; “é um velho com muletas, tem de ter muletas”; “é ser avô com bengala”; “um homem mau que rouba comida”; “é uma pessoa muito velhinha que os polícias ajudam”; “é uma pessoa que não tem casa, não tem dinheiro, nem coisas, nem roupa, nem brinquedos e só às vezes é que tem família”. Além disso, cerca de 15 respostas, expressaram dúvida e confusão quanto a estes

vocábulos, surgindo expressões caricatas como “é uma carrinha do hospital”; “é pedir doces”; “é uma princesa”, para além de muitos “não sei”. Outros, associaram a palavra *velhice*, ao “ser velho”, ou “muito velho” ou “velhote”, ao “ficar velho com o tempo a passar” e ao “ser avós”. Algumas das crianças que associaram o conceito de *velhice* ao ser avô/avó, assumiram na pergunta seguinte, que ser idoso é “ser feliz”; “ser lindo”; ou “ser bom para as pessoas”.

De acordo com a literatura, ser avó/avô, segundo Caballero, Bermejo e Vicente (2012), é uma marca, uma experiência emocional, uma interação afetiva com os netos e com o grupo familiar. São eles quem favorecem as relações intergeracionais, relações essas, que segundo os autores, ajudam a que exista um intercâmbio de afetos e experiências benéficas entre avós e netos (Oliveira, 2018, p. 16).

Acreditando que as atividades que as crianças realizam com os seus avós podem ter um impacto positivo neste projeto, ao lembrarem vínculos afetivos de grande importância para as suas vidas, questionei “Quais as atividades que mais gostas de fazer com os teus avós?”, e de seguida perguntei “Que atividades gostarias de fazer com idosos?” A atividade mais mencionada pelas crianças, com um total de 14 respostas, estende-se com os momentos de “ir à horta e aos animais”; “semear com os avós”; “tratar dos animais”. Contudo, inevitavelmente, a grande maioria das crianças sugeriram atividades que faziam em contexto familiar com os seus avós, que pudessem adaptar ao contexto escolar. Mais de metade do grupo inquirido referiu “comer comida dos avós”, “comer com os avós”, ou “cozinhar com os avós”, deste modo, “comermos juntos no refeitório” foi uma das propostas de atividades proferidas pelas crianças. Também as brincadeiras e os jogos realizados com os avós, foram transferidos para uma lista construída pelas crianças, de sugestões de atividades, a ser implementado no projeto “Entrelaçar Gerações – Os Avós do coração”, onde puzzles; dominó; legos; jogos de cartas; brincar às escondidas; jogo da memória; e outros foram sugeridos. A leitura de histórias; o desenhar e pintar; o ler, escrever e ensinar o alfabeto aos idosos, são também alguns exemplos de propostas de atividades, onde a expressão “como faço com os meus avós” surgiu em algumas das entrevistas, no momento da questão referida. Devo ainda acrescentar, que tendencialmente, algumas das crianças do género masculino, demonstraram ainda interesse em elaborar corridas, jogos com bola, ou brincadeiras com carros.

No momento em que as crianças foram confrontadas com a questão, “porque é que as pessoas ficam velhas?”, 7 responderam “porque têm muitos anos”, enquanto 6 associaram ao fenómeno tempo, “porque o tempo passa” ou “porque já passou demasiado tempo”. Além disso, 2 evidenciaram porque “crescem” e “crescem, cada vez que dormem e ficam mais velhos um bocadinho”. Ou num plano mais casual e inesperado, “porque comem tudo”; “porque ficam

velhas das mãos, das pernas e do corpo todo”; “porque não têm dinheiro e por isso não têm comida”; “porque ficam muito fortes”; “porque quando ficam muitos novos na terra, uns ficam velhos”.

Tendo em conta que o conceito de idade e tempo, estava a ser muitas vezes apresentado nas respostas das crianças, convidei este grupo do pré-escolar a imaginar como seriam as suas vidas, se tivessem 80 anos de idade. Uma pergunta que gerou resultados bastantes distintos: enquanto 3 crianças associam esta idade à morte, outras associam ao ser avô/ó, ao estar muito velho/a, e outras ainda expressam não ter ideia do que é ter tanta idade: “Isso é ser adulto ou velhote? Estar em casa relaxado no telefone ou a ver televisão”. Termos como “tratar da horta”; “ficar em casa e fazer o comer”; “ir à horta, ficar no sofá deitado e depois tratar do meu filho”; “ficar em casa no sofá a ler o jornal e ver televisão”, surgem no discurso das crianças com naturalidade. Também as questões relacionadas com a mobilidade têm lugar, como resposta a esta pergunta: “acho que ainda não vou ter muletas, vou?”; ou “vai ser mais ao menos, porque vou ser velha e andar de carros de rodas”.

“Como achas que vai ser a tua vida com 100 anos?”, foi a pergunta seguinte, na qual 13 crianças, cerca de 56%, associam esta idade à morte, enunciando “já morri”; “vou estar nas estrelas”; ou “vou estar no céu”. De seguida a resposta mais expressiva foi “estar velho/a em casa” ou apenas “estar velho/a”, ou “muito velhinho/a”, onde ainda há uma criança que acrescenta “vou estar muito triste, porque estou muito velho”. Contudo, 4 crianças sugerem conteúdos diferentes aos já designados, expressando quer positivamente, quer negativamente sobre o tema: “a vida vai ser boa, vou ter muito dinheiro para comprar remédios, para não ficar com dói-dói”; “a relaxar num hotel e numa piscina”; “nas cadeiras dos velhos a dormir todo o dia”; ou “a mesma coisa com 80 anos, mas vou usar bengala”.

Por fim, foram realizadas 4 questões de resposta curta, mas onde todas as justificações acrescentadas, foram bem recebidas e integradas na análise desta entrevista:

-À pergunta “Gostarias de brincar com um idoso?”: 16 responderam que sim, onde uma das crianças acrescentou “porque o idoso é calminho, tem carinho e gosta de amor”; um respondeu “porquê? para quê? pode ser, mas eu não costumo brincar com idosos”; um respondeu sim “mas só com um velhote, com um idoso não, porque eles usam cadeiras de rodas”; e 4 responderam que não, justificando “porque andam de muletas”; “porque são muito lentos e não me conseguem apanhar”; ou “porque o idoso pode ser mau”;

-Na questão “Gostarias de fazer atividades na escola com idosos?”: 18 responderam que sim; uma respondeu que sim, “desde que fossem simpáticos”; uma respondeu que não, “porque são muito velhos”; uma respondeu não sei “mas podem vir”;

-Quanto à interrogação “Achas que os idosos têm alguma coisa a aprender contigo?”: 16 responderam que sim e 5 responderam que não;

-Como último assunto “Achas que tens alguma coisa a aprender com os idosos?”: 8 responderam que sim e 13 responderam que não;

### **2.5.3 Análise das Entrevistas aos Parceiros**

De uma forma geral, os profissionais do Jardim de Infância da SCMS, parceiros do projeto “Entrelaçar Gerações – Os avós do coração”, evidenciaram perspetivar que projetos intergeracionais contribuem para a formação pessoal e social das crianças, onde valores como o respeito pelo outro e pela diferença, são reforçados num plano de ação prático e objetivo. É ainda referido que o desenvolvimento de relações intergeracionais, permite a partilha entre gerações e contribui para a mudança da representação social do idoso perante as crianças. Uma vez que muitas crianças não têm possibilidades desta convivência, embora estejam a viver num país cada vez mais envelhecido.

Por outro lado, os parceiros do LNSC, partilharam que os momentos de partilha entre idosos e crianças, demonstram ser promotoras de interações positivas e de aprendizagens significativas. Acreditam que projetos desta ordem, convocam benefícios para o bem-estar dos idosos, como a alegria e a satisfação.

## **3. Experimentação de uma Atividade Exploratória**

A experimentação do Projeto “Entrelaçar Gerações - Os Avós do coração” ocorreu no dia 28 junho de 2023, durante um período de 90 minutos (10H00- 11H30), onde foi estruturado um momento de convívio entre gerações, mais precisamente entre idosos (num total de 16 participantes: os 8 indivíduos entrevistados + 8 utentes não entrevistados) e crianças do Jardim de infância da SCMS (o grupo-turma entrevistado, composto por 21 crianças). O período de atividades teve lugar no espaço exterior do lar. Foram criados dois grupos intergeracionais, ambos compostos por crianças e idosos. Os dois grupos foram distribuídos por duas estações de jogos, onde a rotatividade era realizada pelos próprios jogos e pelos seus respetivos materiais, para que as questões de mobilidade dos idosos, não se convertessem numa

dificuldade ao longo do desenvolvimento das atividades.

As atividades selecionadas compatibilizaram 3 dos 5 grupos designados no plano de ação da intervenção: atividades de animação físico motora sensorial; atividades de animação cognitiva e mental; e atividades de animação através da expressão e da comunicação. As atividades foram planeadas pela animadora sociocultural do lar e pela autora do projeto. Além disso, alguns dos materiais utilizados integravam recursos da instituição, enquanto outros foram construídos pela autora.

Segue-se uma breve descrição das atividades realizadas:

-Atividade de abertura: As crianças cantaram uma canção que prepararam para os idosos;

-Atividade A1: Futebol de lençol – Os grupos foram divididos em duas equipas mistas e distribuídos estrategicamente à volta do lençol, que por sua vez, continha duas aberturas. O objetivo do jogo era conseguir que a bola entrasse na abertura (baliza) da equipa adversária. Uma atividade que foi possível fazer com todos os participantes, pois mesmo que alguns dos idosos precisassem de permanecer sentados, a baixa estatura das crianças permitia nivelar o jogo (o lençol);

-Atividade A2: Jogo de perícia, que consistia em puxar uma garrafa de plástico, enrolando um cordel a um pedaço de madeira. Uma atividade que todos os participantes conseguiram realizar, tendo como desafio o conseguir fazê-lo no menor tempo possível;

-Atividade B1: Tiro ao alvo com pistolas de água. Uma atividade que todos os participantes conseguiram realizar, tendo como desafio derrubar o maior número possível de copos da pirâmide estrutural;

-Atividade B2: Tiro ao alvo, com pratos de diferentes pontuações e pequenos pesos de lançamento. Uma atividade que todos os participantes conseguiram realizar, cujo desafio era somar uma maior pontuação;

-Atividade C1: Estafetas de rodilhas, onde os grupos foram divididos em duas equipas mistas, e distribuídos ao longo da linha de jogo. Nesta atividade, os idosos que revelassem mais dificuldades de mobilidade integravam apenas a posição de recetores do testemunho (rodilhas). Ganhava a equipa que conseguisse realizar o circuito, no menor tempo possível;

-Atividade C2: Estafetas com rolos de papel higiénico, onde os grupos foram divididos em duas equipas mistas, e distribuídos ao longo da linha de jogo. Nesta atividade, todos os participantes estavam sentados, o que permitia a integração e a participação de todos. Ganhava a equipa que conseguisse passar, no menor tempo possível, todos os rolos de papel higiénico, por todos os elementos da equipa, através de um fio;



-Atividade de fecho: Os idosos cantaram uma canção tradicional para as crianças. (consultar fotografias em anexo 4)

Como parceiros deste projeto, as profissionais da instituição que trabalham diretamente com os idosos e com as crianças auxiliaram a investigadora na monitorização e na concretização das atividades.

Se ao longo do diagnóstico, apenas 8 idosos demonstraram interesse em participar no projeto, no dia da experimentação a afluência foi mais expressiva, com um total de 16 idosos investidos na participação das atividades. No início da interação geracional, alguns dos idosos mantiveram-se apenas a visualizar os jogos, contudo, ao longo do período das atividades, expressaram interesse em participar e foram respetivamente integrados nos dois grupos já constituídos.

Após o momento de experimentação, as conversas com os participantes e com os parceiros permitiram aferir alguns resultados da primeira fase de implementação do Projeto “Entrelaçar Gerações - Avós do coração”. A apreciação dos parceiros do LNSC foi a de que este momento de interação intergeracional teve efeitos francamente positivos, ao gerar uma notória mudança no estado de espírito dos idosos, propiciando utentes mais despertos, mais atentos e mais alegres. Também a educadora envolvida no projeto afirma que o afeto esteve sempre presente nos momentos vividos entre crianças e idosos. Acrescentou ainda que interações desta natureza, proporcionadas fora do contexto educativo habitual, contribuem eficazmente para a socialização da criança.

Foi ainda possível constatar a vontade inerente ao idoso de cuidar, ajudar, partilhar os seus saberes, e demonstrar disponibilidade para aprender com os mais novos, convocando a presença do valor do respeito, ao longo dos vários momentos vividos em conjunto.

O conceito de velhinho dependente, inativo e incapaz, evidenciado no discurso das crianças sobre a representação social do idoso, foi certamente questionado. Após o momento de convívio e partilha, a imagem positiva de um idoso ativo e participativo, começou a surgir, “o velhote foi mais rápido do que eu”; “eles são bons neste jogo”. Efetivamente, a mudança face à representação do idoso foi despoletada pelo período de convívio construído, que ainda que curto, se revelou poderoso e capaz de refutar estereótipos e preconceitos. Se, antes do contato intergeracional, existiam dúvidas por parte das crianças, após este convívio, as crianças passaram a afirmar: “eles são capazes de brincar connosco”; “são meigos e dão abraços”; “eles não são rápidos a andar, mas são rápidos a fazer outras coisas”

“Obrigada, gostei muito”, foi uma das expressões mais proferidas pelos idosos no fim

daquela manhã.

## **4. Desenho do Projeto “Entrelaçar Gerações: Os Avós do Coração.”**

### **4.1 Visão, Objetivos, Meios, Metas e Estratégia**

Visão: O projeto “Entrelaçar Gerações – Avós do coração”, preconiza o atendimento de uma área pouco explorada institucionalmente - o trabalho conjunto entre duas gerações - através de uma ação intencional, sistematizada e preventiva, que pretende provocar e reforçar mudanças comportamentais e ideológicas na sociedade.

Objetivos Gerais:

- Aumento dos níveis de bem-estar: Promoção de uma relação saudável, positiva e compreensiva;
- Inclusão social do idoso: Desenvolvimento de práticas, destinadas a resgatar a cidadania e a valorizar o indivíduo enquanto cidadão;
- Co-educação entre as gerações: Aquisição de aprendizagens e desenvolvimento de capacidades;

Objetivos Específicos:

- -Investir no desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, do autoconhecimento e do respeito pela autenticidade do outro, impulsionando a expressão de ideias, sentimentos e emoções;
- -Descobrir, aceitar e valorizar as características individuais, construindo uma autoimagem positiva (Vieites, 2012, p. 223);
- Descobrir e aceitar as características dos outros, valorizando a diversidade como um fator positivo no desenvolvimento das sociedades (*ídem*);
- Desenvolver plenamente todas as capacidades e competências expressivas, criativas, comunicacionais e sociais (*ídem*);
- Potenciar a autonomia pessoal na realização das mais diversas atividades, de forma individual ou em grupo (*ídem*);
- Estimular e enriquecer o processo de socialização, potenciando uma interação

dinâmica e positiva com os demais e com o ambiente físico, social e cultural (*ídem*).

Meios:

- Aproximação efetiva das gerações, através do intercâmbio de vivências e experiências: Diálogo entre gerações, promovendo o convívio, construindo relações significativas e melhorando a coesão social;
- Realização de atividades pedagógicas, culturais e recreativas em grupo;
- Partilha de gostos e passatempos;
- Reflexão sobre a percepção do conceito de *velhice* e de *envelhecimento*, por ambos os grupos;
- Efetivação da expressão artística como processo de promoção de saúde e bem-estar.

Cronograma da intervenção: De acordo com o cronograma elaborado de setembro de 2022 a junho de 2023 (10 meses), concluímos que até outubro, as instituições e os seus colaboradores deveriam ser todos contactados, para que até ao fim do mês de dezembro, fosse possível fechar a equipa e as parcerias. Foi no final do mês de janeiro, que se deu início ao processo de observação, de trabalho de campo e das entrevistas. Nos meses de abril e maio, foram realizadas reuniões com todos os colaboradores, para que de forma transdisciplinar, se efetuasse o desenho do projeto. Por fim, a experimentação do projeto foi finalmente desenvolvida ao longo do mês de junho.

Metas Operacionais: Pretende-se que o projeto “Entrelaçar Gerações – Os Avós do coração”, seja implementado no ano letivo de 2024/2025, de setembro a julho. O intuito primário deste projeto, estende-se com a sua inclusão na prática de ambas as instituições, renovando o projeto a cada ano letivo com a turma de pré-escolar existente. Efetivamente, o projeto possui como ambição integrar o Plano de Atividades de ambas as instituições, tornando-se uma ação consistente, de caráter longitudinal na SCMS.

Metas Finais: “Entrelaçar Gerações – Os Avós do coração”, trata-se de um projeto que pretende alcançar a participação de pelo menos 10 idosos e um grupo-turma pré-escolar de crianças, perante uma ação que deseja aumentar os níveis de bem-estar e de coesão entre os participantes; promover e potenciar a criatividade; potenciar o pensamento divergente e a cidadania; promover a reflexão sobre o conceito de velhice; e ainda, proporcionar a aquisição e a troca de conhecimentos entre gerações.

Estratégia: Neste projeto, é fundamental a articulação de todos os beneficiários, parceiros e coordenadores do projeto, não só no que diz respeito ao planeamento e à execução das

atividades, como também, no acompanhamento e na avaliação do trabalho nas suas mais diversas fases.

## **4.2 Planeamento das Atividades**

Após a concretização do diagnóstico, foi delineado o plano de ação, de acordo com as informações recolhidas, quanto aos horários possíveis de articulação entre as duas instituições, quanto aos recursos disponíveis, e quanto às características do grupo-alvo.

O projeto destina-se a um grupo de pelo menos 10 idosos e ainda a um grupo-turma de pré-escolar de crianças, da SCMS, que serão organizados em grupos, através da criação da dinâmica “Avós de coração”. No entanto, ainda que o projeto esteja potencialmente concebido sobre a divisão de grupos, onde prevalece a ideia de um apadrinhamento de um/a avô/avó, prevê-se também o desenvolvimento de dinâmicas de interação coletiva.

O projeto será expectavelmente desenvolvido, através de reuniões de grupo que irão ocorrer uma vez por mês, com a duração estimada de 60 minutos, no decorrer do próximo ano letivo 2024/2025. Além disso, prognostica-se ainda momentos de convívio em datas festivas, que somam às sessões mensais: Dia de São Martinho (Magusto); Festa de Natal; Festa de Carnaval; Dia da Árvore; e Celebrações aos Santos Populares.

Prevê-se um projeto de carácter longitudinal e consistente, que ocorra a cada ano letivo, com a turma de pré-escolar existente na instituição. O projeto “Entrelaçar Gerações – Os Avós de coração”, pretende integrar o Plano Anual de Atividades de ambas as instituições, gerando um ponto de encontro sólido e contínuo, no interior das organizações da SCMS.

Os grupos da experimentação efetuada, antecedente à implementação do projeto, foram selecionados de acordo com os resultados das entrevistas realizadas, onde o tema dos passatempos e das atividades preferidas, foi crucial, para que a cada idoso fosse atribuído um grupo de crianças. A organização inicial de formação de grupos, no ano letivo 2024/2025, deverá respeitar os mesmos pressupostos: É crucial que a estruturação em equipas, dos atores do projeto, respeite os seus principais pontos de interesse.

Segundo os dados recolhidos, as entrevistas realizadas, nem todos os idosos selecionados têm interesse em realizar todo o tipo de atividades. Por conseguinte, para que o projeto alcance os seus principais objetivos, torna-se fundamental considerar a disposição e a vontade de cada utente, onde propostas e sugestões pessoais, devem ser francamente consideradas.

Nas reuniões, o grupo intergeracional irá experienciar várias atividades psicopedagógicas, para que ocorra a reflexão esperada da temática do convívio intergeracional. Pretende-se desenvolver atividades de animação, organizadas em 5 grandes grupos: Expressão Plástica; Físico-Motora Sensorial; Cognitiva e Mental; Expressão e Comunicação; Animação de Desenvolvimento Pessoal.

Atividades de expressão plástica (objetivos gerais): Desenvolvimento da motricidade fina, da precisão manual e da coordenação psicomotora. Exemplos: Pintura de telas; Pintura com as mãos e materiais reciclados; Modelagem com barro; Modelagem com plasticina; Decoração de árvore de aniversários dos atores do projeto; Elaboração de meias fantoches.

Atividades de animação físico motora sensorial (objetivos gerais): Desenvolvimento da motricidade: mãos, braços e pernas; Desenvolvimento da agilidade; Desenvolvimento da coordenação e da mobilidade; Desenvolvimento da coordenação óculo manual; Desenvolvimento da concentração. Exemplos: Jogo do pião; Jogo do lenço; Bowling; Jogo da pinhata.

Atividades de animação cognitiva e mental (objetivos gerais): Desenvolvimento da agilidade mental, da memória visual e raciocínio. Exemplos: Bingo; Jogos de memória; Dominó; Quebra-cabeças e descobrir diferenças; Construção de puzzles; Construção de legos.

Atividades de animação através da expressão e da comunicação (objetivos gerais): Desenvolvimento da expressão corporal e facial e Promoção da cultura e intercâmbio de ideias/conhecimentos. Exemplos: Canto; Dança; Anedotas; Leitura de contos; Dramatização de histórias com fantoches.

Atividades de animação lúdica (objetivos gerais): Desenvolvimento de capacidades físicas e psíquicas; Aumento da autoestima; Reforço e promoção de relações interpessoais. Exemplos: Atividades culinárias (com recurso a receitas das pessoas idosas); Atividades de jardinagem; Festas temáticas alusivas a dias festivos.

Finalmente, foi fundamental escutar a equipa de implementação das sessões, para que se tivesse em conta os domínios e especialidades dos vários técnicos, de ambas as instituições. Os domínios delineados, não só condizem com os recursos materiais existentes, mas também, com as possibilidades de atividades propostas pelos integrantes do programa de ação: animadoras socioculturais do LNSC e professora titular de turma do Jardim de Infância da SCMS.

#### **4.2.1 Calendarização e Espaços a Utilizar**

O projeto delineado, objetiva um encontro mensal, na primeira quinta-feira de cada mês, das 14H00 às 15H00, no LNSC. A definição da agenda para o projeto “Entrelaçar Gerações – Os Avós do Coração”, prende-se com as possibilidades de horário apresentadas das profissionais de ambos os serviços que devem acompanhar e apoiar as sessões.

Optou-se por desenvolver as ações do projeto na estrutura do LNSC, devido às dificuldades de mobilidade evidenciadas no diagnóstico, por parte dos idosos. A articulação entre a sala destinada às atividades plásticas, a sala de convívio e o jardim exterior do lar, compõem o ambiente idealizado para a concretização das atividades.

Conjecturamos sessões de 60 minutos, onde o grupo se dividirá na maioria das sessões pelas 2 salas indicadas. Nas atividades dos meses de dezembro, janeiro, abril e maio, calculamos que a meio da sessão, exista rotatividade dos grupos pelas salas. Em relação às celebrações em baixo designadas, dos meses de novembro, dezembro, fevereiro, março e junho, estas deverão ser marcadas pelo órgão de direção da SCMS.

### **Propostas de Atividades**

#### **Setembro:**

Reunião mensal- Apresentação às crianças do espaço LNSC; Apresentação entre crianças, idosos e técnicos responsáveis pela dinamização do projeto; Jogo lúdico (exemplo de proposta: jogo do lenço).

#### **Outubro:**

Reunião mensal- Construção de legos; Dominó.

#### **Novembro:**

Reunião mensal- Bowling; Jogo da pinhata.

Reunião extra de celebração referente ao magusto- Tarde de dança, música e castanhas assadas.

#### **Dezembro:**

Reunião mensal- Pintura de telas; Jogo do pião.

Reunião extra de celebração referente ao natal- Celebrações natalícias com atividades culinárias e cantigas de natal.

#### **Janeiro:**

Reunião mensal- Modelagem com plasticina; Quebra-cabeças e descobrir diferenças.

#### **Fevereiro:**

Reunião mensal- Bingo.

Reunião extra de celebração referente ao carnaval- Tarde de dança, música e máscaras.

**Março:**

Reunião mensal- Leitura de contos; Elaboração de meias fantoches.

Reunião extra de celebração referente ao Dia da Árvore- Atividades de jardinagem, plantação de árvores e flores no espaço do LNSC.

**Abril:**

Reunião mensal- Dramatização de histórias com fantoches; Jogos de memória.

Maio:

Reunião mensal- Pintura com as mãos e materiais reciclados; Construção de puzzles.

**Junho:**

Reunião mensal- Modelagem com barro.

Reunião extra de celebração referente aos santos populares- Tarde de dança, música e anedotas.

### **4.3 Avaliação**

Pretendemos mobilizar uma avaliação múltipla com fins de acompanhamento (on- going), onde exista espaço para entender os múltiplos pontos de vista das pessoas que integram o programa de intervenção. Assim, ao admitirmos que o parecer de todos os participantes é fundamental, o objetivo da avaliação consegue permear os resultados do projeto numa multiplicidade de perspectivas, tentando construir um modelo que reflita a participação dos vários integrantes (Guerra, 2006, p. 194).

Segundo Capucha (2008), - à gestão de um projeto não basta garantir que as atividades são desenvolvidas da forma prevista, compete-lhe também assegurar que os resultados (esperados e não esperados, benéficos e perversos, diretos e indiretos, imediatos e mediatos) sejam apurados à medida que vão sendo produzidos e que são objeto de reflexão. A avaliação desempenha aqui um papel insubstituível, pois é nela que se inscrevem os instrumentos de acompanhamento do projeto (Capucha, 2008, p. 43). A avaliação será realizada com os participantes e com os profissionais que executam a atividade. A técnica de recolha de informação selecionada irá incidir na observação direta e na interação com os participantes, com recurso a grelhas de indicadores (anexo 4). Tendo em conta os objetivos acima mencionados do projeto, as seis dimensões selecionadas para a avaliação do projeto

“Entrelaçar Gerações – Os Avós do coração”, a partir das quais se operacionalizam os indicadores, são as seguintes: participação; socialização; cooperação; valorização pessoal; superação/evolução; e desmistificação do estigma associado à velhice.

Cabe ressaltar que a avaliação da atividade pelos técnicos é feita após cada reunião com o grupo e registrada em forma de relatório para posterior relatório final, elaborado ao término do projeto, no fim do ano letivo.



## 5. Considerações Finais

O projeto “Entrelaçar Gerações – Os avós do coração” parte do envelhecimento da população como um feliz ponto de chegada do desenvolvimento humano. Fonseca (2020) assume que “viver mais tempo é fruto de conquistas diversas sob o ponto de vista médico, tecnológico e social, acarretando novos desafios para as comunidades”. Durante o processo de envelhecimento, os indivíduos têm necessidade de viver em ambientes que lhes proporcionem o suporte necessário para compensar as mudanças associadas à idade avançada (Sousa & Anica, 2020, p. 47). A criação e manutenção de contextos favoráveis e facilitadores do envelhecimento, esteve na base da concepção deste projeto, onde a perspectiva individual, comunitária e de abordagem multidisciplinar, foi registada como alavanca indispensável para a promoção do bem-estar das pessoas idosas e das crianças, que compuseram “Entrelaçar Gerações – Os avós do coração”.

Foi a oportunidade de proporcionar contextos facilitadores do envelhecimento e do crescimento infantil que fez nascer este projeto intergeracional no seio da SCMS. Vários são os benefícios que acarreta, onde para além do bem-estar das diferentes gerações, também o intercâmbio de afetos, a troca de experiências, o incentivo ao respeito, a aprendizagem solidária, a promoção da entreajuda, a criação de novos vínculos afetivos e sociais, a superação de estereótipos e a transmissão de valores, costumes e tradições estão incluídos nesta ação intergeracional e comunitária (Oliveira, 2018, p. 49).

Este projeto impulsiona momentos de alegria e de prazer, como também convoca momentos de confronto com a diferença física e cultural. Promove uma ação que incentiva a exploração do mundo, dentro da sua própria comunidade. Uma vivência que permite à criança crescer de forma mais completa e consciente, perpetuando um olhar de inclusão e de aceitação perante uma realidade amplamente distinta do seu conforto habitual (Canejo, 2018, p. 34).

O pensar no outro e aceitar as suas diferentes características permitirá que a criança olhe para o mundo de uma forma mais atenta e que desenvolva comportamentos justos e adequados na sociedade em que está inserida. (Canejo, 2018, p. 34)

Foi sobretudo interessante perspetivar, como as crianças interagiram com os idosos de forma orgânica e entusiasta, mesmo tendo revelado uma perceção negativa face ao idoso, no início deste projeto. Uma conjuntura que nos dirige à tomada de atitude, para que preconceitos se transformem numa nova forma de observar e viver a *velhice*. Podemos e devemos

testemunhar o envelhecimento como uma das maiores conquistas da humanidade, e não como um infortúnio e um processo irreversível. (Lemos, 2020, p. 22)

Um idoso positivo em relação ao envelhecimento vive mais 7,5 anos do que aqueles que têm perspectivas negativas quanto à velhice. (Levy, 2003 citado por Lemos, 2020, p. 22)

Efetivamente, os idosos são cruciais transmissores de saberes, tradições e rituais e o seu potencial deve ser tido em conta para o desenvolvimento de uma sociedade futura. É importante que as crianças possam beneficiar do conhecimento, da sabedoria e das experiências da terceira geração, e que aprendam a valorizar propriedades do nosso país e das nossas tradições. (Canejo, 2018, p. 37)

Numa perspectiva pessoal, construir este projeto incidiu numa experiência bastante enriquecedora, visto que, no decorrer das horas de investigação, existiu a possibilidade de perceber o funcionamento de uma instituição, integrando a sua equipa técnica na dinamização de atividades quotidianas (às quais me propus), e trabalhando em contextos de intervenção distintos, com um conjunto de indivíduos extraordinariamente diversos, quanto às suas características, necessidades e aptidões. Como ponto de partida, subsistia a enorme vontade da investigadora, de conceber um projeto intergeracional que possuísse como gatilho a expressão dramática. Contudo, ao mergulhar na realidade da SCMS, perspetivou-se que a ação não obedecia aos interesses primordiais dos seus participantes. A adequação ao contexto encontrado e a integração das propensões pessoais de cada um dentro de uma comunidade, significou uma lição de ordem brutal. “Entrelaçar Gerações – Os avós do coração”, possuiu como principal desafio a articulação de todos os seus intervenientes, que careciam de perspetivas múltiplas e distintas. Contudo, compor um legado adequado à população-alvo da SCMS, criando uma ferramenta que compreende benefícios variados, e oferecendo a mesma, àquela que é a minha comunidade, a minha comunidade natal, torna-se uma profunda gratificação.

Em suma, “Entrelaçar Gerações – Os avós do coração” surge como ferramenta intergeracional para uma comunidade e uma instituição, que pretende maximizar ações cívicas beneficentes aos seus integrantes, evidenciando os recursos e as oportunidades da SCMS como forças, capazes de sustentar um projeto onde a comunicação entre gerações se cruza e entrelaça. Desta experiência fica a enorme aprendizagem e crescimento que servirão de base para a construção de um futuro próximo.

## 6. Referências Bibliográficas

- Aboim, S. (junho de 2014). Narrativas do Envelhecimento: Ser Velho na Sociedade Contemporânea. Em *Tempo Social, revista de sociologia da USP* (Vol. 26).
- Allasia, V. V. (2019). Benefícios da Musicoterapia na Educação Inclusiva. Em I. -A. *Cultural, As Artes na Educação Especial – Teorias, Metodologias e Práticas Sociais, Culturais e Educativas para a Inclusão*.
- Almeida, J. Ferreira (1994). Recomposição Socioprofissional e novos protagonismos in Portugal, *20 anos de democracia*. Lisboa, pp. 307-321.
- Azambuja, T.. D (2005). Uma oficina de criação para a Terceira Idade, *Revista da Universidade aberta da Terceira Idade*, Rio de Janeiro.
- Baltazar, A. C. (2019). *As Linguagens Artísticas no Quotidiano dos Idosos*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- Branco, C. (2014). *Relações intergeracionais no combate à exclusão social: Avaliação de necessidades numa perspetiva multi-informante*. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Ciências Sociais e Humanas. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações.
- Batista, N., & Cacciamali, C. (2012). Migração familiar, trabalho infantil e ciclo intergeracional da pobreza no estado de São Paulo. *Nova Economia*, 22(3), 515–554.
- Caballero, M., Bermejo, A., & Vicente, J. (2012). Los conflictos parentales como origen de las dificultades en las relaciones abuelos-nietos : abordaje mediacional y jurídico-forense. *Revista de Mediación*, 9(1), 15–26.
- Canejo, M. (2018). *Os contributos das Relações Intergeracionais na Formação Pessoal e Social da Criança*. Escola Superior de Educação, Campus Universitário de Almada. Instituto Piaget.
- Capucha, L. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projetos: Guião Prático*. Lisboa: DGIDC-ME.
- Cassiers, I. (2005). De l'État providence à l'État social actif: queles mutations sous-jacentes?. *Regards Économiques*, 36, pp. 1-13.
- Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho. *Diário da República n.º 129/2018, Série I*.
- Direção-Geral da Educação. (2018). *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática*.
- Escola, J. (2017). Teatro e Educação: Construir a cidadania no espaço público. Em I. -A. *Cultural, A Intervenção Teatral em Portugal no século XXI*.
- Fernandes, A., Magalhães, C. P., & Antão, C. (2012, abril 17). Envelhecimento Ativo. (N. d. Idoso, Ed.) *Jornadas de Saúde Mental do Idoso: Implicações na Saúde Mental no Envelhecimento Ativo*.
- FFMS. (2013). Retrato de Portugal: indicadores 2021. Paris: *PORDATA*. Disponível em <https://www.pordata.pt/portugal/indice+de+envelhecimento+e+outros+indicadores+de+envelhecimento-526>
- Fonseca, António Manuel (2006). *O envelhecimento – Uma abordagem psicológica*. Lisboa. Universidade Católica Portuguesa: 2ª edição.
- Fontaine, Roger (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa. Climepsi Editores. 1ª Edição.
- França, P., Silva, D., & Barreto, L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Geriátrica, Gerontológica*, 13(3), 519–532.
- Fernandes, A., Magalhães, C. P., & Antão, C. (17 de abril de 2012). Envelhecimento Ativo. (N. d. Idoso, Ed.) *Jornadas de Saúde Mental do Idoso: Implicações na Saúde Mental no Envelhecimento Ativo*.
- Fernández, J. V. (2019). As Artes na Educação Especial – Teorias, Metodologias e Práticas Sociais, Culturais e Educativas para a Inclusão. Em I. -A. *Cultural, As Artes na Educação Especial – Teorias, Metodologias e Práticas Sociais, Culturais e Educativas para a Inclusão*.
- Gloton, R., & Clero, C. (1973). *A Atividade Criadora na Criança*. Brasil: Editorial Estampa.
- Gomes, J. (2012). Práticas Dramáticas e Competências Essenciais. Em I. -A. *Cultural, Teatro e Intervenção Social*.
- Gonçalves, N. M., & Anica, A. (2016). *Contributos do Teatro para o Envelhecimento (Cri)Ativo*. Escola Superior de Educação e Comunicação, Escola Superior de Saúde. Universidade do Algarve.

Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social.

- Guerra, I. C. (2006). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação - O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas.
- Leandro, M. (2001). *Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Lemos, I. C. (2020). *Envelhecimento (Cri)ativo: Teatro e Outras Artes Performativas*. Escola das Artes. Porto Católica.
- Mantoan, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2006.
- Marques, A. G. (2017). Do teatro de amadores ao exercício da cidadania. Em I. -A. Cultural, *A Intervenção Teatral em Portugal no século XXI*.
- Martins, Alcina (1999). *Gênese, Emergência e Institucionalização do Serviço Social Português*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Monteiro, A. L. (2019). Reagir com as Artes. Em I. -A. Cultural, *As Artes na Educação Especial – Teorias, Metodologias e Práticas Sociais, Culturais e Educativas para a Inclusão*.
- Newman, S., & Hatton-Yeo, A. (2008). Intergenerational learning and the contributions of older people. *Ageing Horizons*, 8, 31-39.
- Oliveira, S. (2018). *A educação intergeracional como processo de desenvolvimento pessoal e social*. Universidade do Minho, Instituto de Educação.
- Oliveira, M. (2019). Dança para todos: Um instrumento catalisador da criatividade humana. Em I. -A. Cultural, *As Artes na Educação Especial – Teorias, Metodologias e Práticas Sociais, Culturais e Educativas para a Inclusão*. p. 32-42.
- OMS. (2021). Organização Mundial de Saúde. *Envelhecimento Saudável*. Genebra: OMS.
- Pedro, João (2004). O que é ser criança? Da genética ao comportamento. *Análise Psicológica*, n 1 (XXII),
- Pimental, Luísa (2005). *O lugar do Idoso na Família*. Coimbra. Quarteto. 2ª edição.
- Pinto, M. (1997). A. C. Identidades, & C. d. Criança (Ed.), *A infância como construção social* (Projecto de Investigação sobre a Infância em Portugal (PIIP) ed.). Universidade do Minho.
- Pinto, F. (2004). *Cidadania: Sistema Educativo e Cidade Educadora*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.
- Ribeiro, H. (2011). *Qualidade de Vida do Idoso Institucionalizado*. Faro: UALG.
- Scardua, V. M. A inclusão e o ensino regular. *Revista FACEVV*, n. 1, p. 85-90, jul.-dez., 2008.
- Silva, A.M & Silva, S.M (2020). Relação entre Escola, Local e Comunidade em Regiões de Fronteira de Portugal Continental. *Educação: Sociedade e Culturas*. CIIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Sousa, Liliana et al (2006). Envelhecer em família – Os cuidados familiares na velhice. Porto. Âmbar. 2ª edição.
- Sousa, C. d., & Anica, A. (2020). *Envelhecimento Ativo e Educação II*.
- Teixeira, A., & José. (2014). *Envelhecimento ativo: contributo para uma discussão crítica* (I. d. Lisboa, Ed.) *Análise Social*, XLIX.
- The TOY Project Consortium (2013), *Reweaving the tapestry of the generations: An intergenerational learning tour through Europe*, Leiden: *The TOY Project*. Disponível em: [http://www.toyproject.net/wp-content/uploads/2016/01/english\\_fixed.pdf](http://www.toyproject.net/wp-content/uploads/2016/01/english_fixed.pdf)
- UNESCO. (2015). *Declaração de Incheon*.
- Vieites, M. F. (2012). Teatro e Intervenção Social. Em I. -A. Cultural, *Teatro e Intervenção Social*. Chaves.

## 7. Anexos

### Anexo 1. Entrevista aplicada aos utentes do LNSC

Dados de identificação

Idade:

Naturalidade:

Habilitações Académicas:

Estado Civil:

Ano de entrada no LNSC

Entrevista

- 1) Que profissão/ões exerceu?
- 2) Com quantas pessoas vivia antes da entrada no LNSC?
- 3) Quais são os seus familiares mais próximos?
- 4) Tem netos? Tem bisnetos? De que idades?
- 5) Quantas vezes em média é visitado por mês?
- 6) Quantas vezes em média tem contacto com os seus netos/as?
- 7) Como classifica o relacionamento que mantém com a família?
  
- 8) Consegue ter a independência e a autonomia desejada?
- 9) Quais eram os seus principais passatempos antes de entrar no LNSC?
- 10) Quais são os seus principais passatempos no LNSC?
- 11) Que atividades gostaria que fossem desenvolvidas na instituição?
  
- 12) Numa escala de 1 Insatisfatório, a 5 Excelente, como cataretiza o serviço prestado na instituição?  
Escala: Insatisfatório; Pouco Satisfatório; Satisfatório; Muito Satisfatório; Excelente.
- 13) Como classifica a sua motivação perante as atividades desenvolvidas na instituição?  
Escala: Nenhuma; Pouca; Razoável; Boa; Muito Boa.

14) Como classifica o seu relacionamento com os outros utentes da instituição?

Escala: Difícil; Distante; Indiferente; Razoável; Bom; Muito Bom.

15) Como classifica o seu relacionamento com os funcionários da instituição?

Escala: Conflituoso; Indiferente; Razoável; Bom; Muito Bom.

16) Gosta de crianças?

17) Gostaria de participar em atividades com crianças?

---

## **Anexo 2. Entrevista aplicada às crianças do Jardim de Infância da SCMS**

Dados de identificação

Idade:

Naturalidade:

Local de Residência:

Contexto Familiar: (Família Nuclear; Família Monoparental; Família Anaparental; Família Reconstituída; Família Alargada ou Extensa).

Entrevista

1) Que profissão gostarias de ter em adulto?

2) Qual o teu maior sonho?

3) O que mais gostas de fazer na escola?

4) O que não gostas de fazer na escola?

- 5) Frequentas alguma atividade extracurricular?
  - 6) O que mais gostas de fazer em casa?
  - 7) Tens avós?
  - 8) Que atividades mais gostas de fazer com a tua família?
  - 9) E com os teus avós?
  
  - 10) O que achas que é a *velhice*?
  - 11) O que achas que é *ser idoso*?
  - 12) Como achas que vai ser a tua vida com 80 anos?
  - 13) Como achas que vai ser a tua vida com 100 anos?
  - 14) Porque é que achas que as pessoas envelhecem?
  
  - 15) Gostarias de brincar com um idoso?
  - 16) Achas que tens alguma coisa para ensinar aos idosos?
  - 17) Achas que os idosos têm alguma coisa para te ensinar?
  - 18) Gostarias de fazer atividades na escola com idosos?
-



### Anexo 3. Registos Fotográficos da Atividade Exploratória











## Anexo. 4 Grelha de Indicadores de Avaliação

Identificação do Participante:

<b>Meses</b>										
<b>Indicadores</b>	<b>Setembro</b>	<b>Outubro</b>	<b>Novembro</b>	<b>Dezembro</b>	<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maió</b>	<b>Junho</b>
Participação										
Socialização										
Cooperação										
Valorização Pessoal										
Desmistificação do estigma associado à velhice										
Superação/ Evolução										

**A preencher com:**

**1= Não executado;**

**2= Pouco Desenvolvido;**

**3= Parcialmente Executado;**

**4= Executado;**

**5= Executado Colaborativamente.**